# Avelino Rosa



Retalhos de Lava

## Retalhos de Lava

## Avelino Rosa

**Capa**: Avelino Rosa, com *Fotoshop*. Gravura oferecida pelo Mestre David de Almeida – "Ele já não jaz no cais", 1986.

Versão de Fevereiro de 2020,

revista do texto de 2018, acrescida de **Diário dos Açores** (2001), respeitando parcialmente o novo Acordo Ortográfico.

#### Introdução

Retalhos. Acinzentados pelo tempo, fantasiados pela memória. Mas tinha de falar dos Açores e das minhas raízes. Mais do que um dever, foi uma forma de reconciliação comigo mesmo.

Se a maior parte dos textos se funda em vivências, outros não passam de mera ficção, que poderia ocorrer nos Açores ou em qualquer outra parte do Mundo. Pretendem, tão só, quebrar alguma monotonia, tentando manter uma certa dinâmica. Ou, simplesmente, afastar qualquer conotação com pessoas reais.

A personagem principal, que perpassa por cada retalho, poderia ser um miúdo qualquer, sendo essencialmente um elemento de ligação. A sua história só termina no Faial, mas sempre com o Pico como pano de fundo.

Apesar dos muitos e muitos anos de ausência e do desenraizamento natural, orgulho-me das minhas origens. Por isso este livro é, sobretudo, um tributo à minha gente e às minhas Ilhas.

O Autor

- Onde estiveste este tempo todo? Procurei-te por todo o lado e andei a perguntar por ti a toda a gente...
  - Mãe, trouxe peixe!
  - Isso vejo eu. Foste ao porto. Não sabes que não podes ir ao porto?
  - Mas eu trouxe peixe.
  - E como o arranjaste?
  - Ajudei a varar dois barcos. Foi a minha soldada.
- Então apanharam muito peixe, para trazeres tudo isso. Deixa ver... chicharros, um sargo e uma garoupa. Mas tu não podes fazer esforços, sabes bem disso e muito menos ir para o mar. Estás todo molhado. Estiveste a tomar banho...
  - Foi de entrar na água para ajudar a varar os barcos.
- Não me mintas. Estiveste a nadar. E vestiste as calças em cima das cuecas molhadas. És doido. Sabes que tens reumatismo. Sabes que sofres do coração por causa do reumatismo. Devia dar-te uma sova.
  - Mas eu trouxe peixe...
- Vai-te despir e mudar de roupa. Eu trato do peixe. Mas se souber que vais outra vez para o porto não te livras de uma tareia. E digo ao teu pai.
  - Mas ele disse que posso ir aos polvos e às moreias com ele.
  - Mas não sozinho! Com ele podes ir, desde que tenhas cuidado.
  - Que barulho foi este, mãe?
- Pareceu-me o foguete da baleia. Coitado do teu padrinho, que está nas ferreiras. Vai ter de correr por aí abaixo para apanhar o bote.
  - Mas as ferreiras não são nossas?
- Eram, mas trocámos pelas terras do lado. Se calhar a tua madrinha não vai ter tempo de lhe levar o farnel. Coitado, vai passar fome. Olha, vou embrulhar umas coisas e ver se o apanho no caminho.
  - Eu posso ir.
- Tu não podes correr, por causa do coração, não sabes isso? Eu vou e já volto.

- Que lhe aconteceu?
- Nada, filho. Não é nada. O pior é que não encontrei o meu irmão.
- Mas está a coxear. Que tem no pé?
- Foi o carro de bois do senhor Jacinto que me passou com a roda em cima do pé. Mas vou escaldar em água quente e já fica bom.
  - Bem disse que eu podia ir. Corro mais rápido...
- E o teu coração, filho? Não vês que estiveste para morrer com dois anos de idade e que os médicos disseram que não podias fazer esforços?
- Mas eu corro e mais que os outros rapazes e não me sinto cansado. Estou sempre a correr atrás do arco.
- Porque és um teimoso, é o que tu és. Mas agora vou tratar do pé e vou-me deitar. Quando o teu pai chegar diz-lhe que o jantar está pronto.

.....

- A mãe está doente. Foi o carro de bois do senhor Jacinto que lhe passou com uma roda por cima do pé.
  - Ó mulher, como foi isso?
- Sei lá, homem. Estava quase a chegar casa, encostei-me o mais que pude à parede, mas a estrada é estreita. O Jacinto não teve culpa. Ficou todo aflito, mas eu disse que não era nada.
  - Mas deves ter o pé partido. Era melhor irmos ao Hospital...
- Deves estar doido, homem. Ir daqui à Madalena? A esta hora não há carro da carreira.
  - Chama-se um táxi.
- Não estás bom da cabeça mesmo. E dinheiro? Fazes ideia de quanto custa? E para chamar o táxi é preciso telefone e só no Edmundo, que não fica perto.
  - Ó mulher, mas eu vou lá de bicicleta. Não podes é ficar assim.
- Deixa lá, homem. Também não ia conseguir descer toda aquela calçada com o pé assim para ir apanhar o táxi à estrada principal. Olha, vai mas é jantar que eu cá me arranjo. E põe-me um copo de água quente aqui em cima da ministra.
  - Pai, vem ver o peixe que eu trouxe!

.....

O isolamento pesava. As pessoas estavam entregues a si mesmas. O médico mais próximo ficava em São Mateus, a uns bons quilómetros. Os remédios vinham da Farmácia da Madalena, pela camioneta da carreira. Entregava-se o pedido e o dinheiro ao condutor, que se encarregava de efetuar a compra, trazida na viagem de regresso. O serviço era gratuito, como um complemento social ao transporte de passageiros.

- Dona Carolina, aqui tem os seus remédios.
- Deus lhe pague, Deus lhe pague...

José e o pai jantavam tardiamente. A verdade é que também não tinham muita fome. A linguiça com inhames do almoço ainda lhes moía no estômago. Agora era carne guisada, ainda quente sobre o fogão de lenha. Um dia de carnes, para desenjoar do peixe. Mas antes, uma sopa de couves, que nunca podia faltar. As hortaliças tinham vitaminas e, melhor, colhiam-se na horta.

Caminho de Cima, São Caetano, Prainha do Sul. A meia distância entre a Madalena e as Lajes do Pico. À sombra do gigante. Volta-se a cabeça para cima e, sempre a subir, ela crescia a perder de vista. Tingida de verdes e castanhos. É a montanha da ilha do Pico que parece rasgar os céus. Morada de deuses, como o Olimpo, que se escondem dos mortais criando um capacete de nuvens.

Atingir o cume é um fascínio, reservado apenas a alguns. E contam-se histórias. A da mulher que caiu por uma ribanceira e por lá ficou alguns dias, matando a sede com a própria urina. Fantasias, imaginário, como tantas outras contadas nos serões à luz de petróleo.

As mulheres fazem renda, os homens jogam às cartas. Quando estão em casa, porque a taberna é o local de jogo e discussão favorito. Taberna que não é só. É também mercearia e arremedo de minimercado.

A tia Joaquina tem uma casa maior. É o ponto de encontro para os serões. Fala-se de tudo um pouco. O Celestino andava com uma ciática. O remédio era uma perna de carneiro, tinha dito o Gervásio, que era uma espécie de curandeiro nas horas vagas da lavoura. E aquilo do António ter casado às escondidas...

- Claro, com ela grávida de uma data de meses também não havia de ir de branco e com flor de laranjeira...
- Essa do casamento pela calada da noite é que não me sai da cabeça. Não sei como o senhor padre concordou com isso.
  - Nós fomos espreitar, mas só os vimos ao longe.
- Ele disse que foi por causa da irmã ter resolvido casar. Como ficava sem mulher em casa, para lhe tratar da roupa e da comida, resolveu casar também.
  - Eles já andavam há anos. Encontravam-se na Adega dele.
- Por isso é que ele tinha lá a cama. Porque no chão, apesar da rama de pinheiro, não devia dar muito jeito...
  - Esta rapariga está mesmo atrevida. Tem tento, mulher!
  - Sabem o que é que ele disse do noivo da irmã?
  - Não deve ter dito coisa boa.
  - Que parecia um toito, porque estava sempre a toitear.

- E o que quer isso dizer?
- Não sabes? Toito é aquele pássaro preto, mais pequeno que o melro, que está sempre aos saltinhos. Queria ele dizer que o homem mexe-se muito, mas pouco ou nada faz.
- E andam os dois à caça da baleia. Valha-nos Deus, ainda se desentendem um destes dias.

......

Era assim. No meio dos pontos da renda, os contos e contrapontos. Quase nem se olhavam, dedicadas à magia das agulhas criadoras. Uns naperons para embonitar a casa, servindo de base a uma jarra ou garrafa, encimando uma cómoda. Havia de todos os tamanhos, assim o tempo chegasse e o objeto ou móvel existisse.

Talvez fosse mesmo um modo de passar o tempo, reprovando-se as mulheres mais novas pela falta de zelo em aumentar o pecúlio das peças que iam percorrendo gerações, distribuídas por casamento ou ofertadas nas ocasiões mais solenes. Havia quem, corajosamente, se atrevesse a uma empreitada de colcha, meses e meses a fio. Vender é que não, pelo que pagavam mais valia ficar na posse da família.

......

A Cremilde estava mesmo doida, coitada. E era um falatório pela freguesia sobre a rapariga. Mas havia muito mais sobre que falar. Se havia...

- Vejam lá que deu um pulo quase até ao teto e empurrou o guarda-fato de um lado ao outro do quarto. Nem os dois irmãos, que são fortes que nem bestas, a conseguiram segurar.
- Há quem diga que tem o diabo no corpo. Coitada, só teve desgostos com aquele desgraçado das Sete Cidades.
- Não digas blasfémias, Maria. Olha que são assuntos sérios. O senhor padre já disse que isso não tem nada a ver com o diabo.
  - Se tem ou não, não sei. O que toda a gente vê é que a mulher, quando lhe

dá aqueles ataques, espuma pela boca, revira os olhos e fica possessa. Nem os médicos sabem o que lhe hão de fazer.

- Devia ir ao Faial ou a S. Miguel. Lá têm médicos melhores.
- Por este andar ainda a levam para o S. Rafael.
- Quem está mesmo somenos, coitado, é o João da Ribeira.
- Tem um cancro não é?
- Parece que sim. Já teve um na orelha e agora...
- Pois, perdeu um bocado dela, mas ficou bom.
- Dizem que lhe mataram o cancro da orelha com estricnina.
- Aquele homem faz tudo. Barbeiro, dentista e sei lá que mais.
- Eu é que não ia lá arrancar um dente. Deus me livre!
- Fazia, que agora está entrevado numa cama, coitado.
- Coitada é da Zabelinha!
- Pois é, mulher, agora é que ninguém a quer.
- E o estupor do Julião a dizer que foi só meia...
- Foi só meia foda, senhor Zevedo, só meia. E ela é que me veio provocar, com a saia meia aberta. Estava a atazanar-me...
  - Cala-te, mulher, deixa de o imitar que isso enoja-me.
  - O porco do homem...
  - Mas ela também já é crescidinha. Com vinte e dois anos é uma mulher.
  - Com a educação que teve é uma autêntica criança.
  - Realmente, vivendo naquela imundice. Sabe-se lá.
  - Acho que ela sabe é bem mais do que nós e faz-se de santinha.
  - O mulher, não sejas assim. Coitada mesmo da rapariga.
- Ainda bem que não ficou grávida, que era mais uma boca para sustentar naquela casa.
  - Mas ficou com a fama e dessa ninguém a livra.

......

E continuavam, pela noite dentro, até os homens chegarem. Arrumava-se as rendas nas caixas e enrolava-se a esteira de palha, palco do artesanato e da cavaqueira. As crianças, que já dormitavam, enroscadas nas pernas das mães ou a um canto da sala de estar, jantar e cozinha, esfregavam os olhos, carpindo

### lamúrias.

- José, no domingo levo-te a passear no burro. Queres?
- Está tolo de sono, coitado. Deixa-o lá. O melhor é levá-lo ao colo.
- Que o leve o pai, que para isso é homem!

Era dia de ida à Adega do Tio António. A mãe de José preparara uma salada de alface, tomate e cebola. O conduto era atum e sardinhas enlatadas, a acompanhar com pão e bolo de milho.

- Acho que não falta mais nada...
- Vamos um bocado mais cedo e apanhamos umas lapas.
- Pai, eu também vou apanhar lapas!

A ida até à costa demorava. Caminhos de lajes de pedra e terra batida, com tufos de ervas, ladeados de hortênsias mescladas de tons azuis e brancos. Sempre a descer. Até chegar a uma escadaria íngreme, sobranceira ao porto. O cheiro, que vinha do lado direito, fazia antever que o senhor Chico estava a curtir peles de vaca. Algumas já secavam sobre as rochas, enquanto o artesão lá ia preparando, afanosamente, mais uma.

Do lado esquerdo, aquilo que poderia ser uma quase praia, não fosse o facto de nunca ter areia mas apenas pedregulhos e calhaus rolados. Mesmo assim, no Verão havia quem se atrevesse em ajeitar-se sobre as pedras e molhar o corpo até à cintura, nos dias de maior calmaria.

O porto estava mesmo ali à frente. Agora um estreito e sinuoso caminho construído pelo uso, uma pequena escadaria ascendente, com poucos degraus, e a rampa de acesso ao mar. Os barcos de pesca varados em espinha de um lado e de outro, menos na saída para a estrada que ligava à Prainha do Galeão. Eram cerca de uns trinta, quase iguais, não fossem o tamanho e as barras de cor que os coloriam longitudinalmente.

De resto, brancos, todos eles. Distinguidos pelos nomes, como uma oração ou prece à boa sorte no mar e lauta pescaria. Batismos de Santos, de Nossa Senhora desdobrada, um ou outro rompendo a unanimidade, dedicado à mulher ou filha do dono da embarcação. Os remos alinhados sobre os bancos e os apetrechos de pesca ali à vista. Redes, canas, aparelhos. Ao lado de alguns, ainda cofres da lagosta e do cavaco.

Ao cimo da rampa, duas traineiras que já haviam conhecido melhores dias, à

espera de uma reparação que tardava ou nunca chegaria. Ao lado, a casa dos botes. Era um barração comprido, de pedra e cal, coberto de telhas vermelhas. Lá dentro, dois botes e tudo o que era necessário para caçar cachalotes.

Do lado do mar, a rampa estreitava entre duas enormes rochas. À direita o cais, com uma dimensão reduzida, que mal dava para a Espalamaca atracar, nos dias em que o mar do canal obrigava a um demorado desvio.

Uma pequena escadaria no topo permitia um mergulho e o acesso rápido a terra, mas a maior parte das vezes o regresso era feito pela rampa, quando o mar estava mais mexido, com o risco de uns golpes nas rochas submersas.

Era aqui que muitos pescavam também. Apanhava-se lapas, búzios, pequenos caranguejos, esmagava-se e misturava-se com uma pedra arredondada e estava pronto o engodo, fresco e chamativo. Desenrolava-se o fio de náilon dos caniços de cana-da-índia, desprendendo o anzol de uma pequena ranhura talhada a canivete e metia-se o isco. Minhoca da terra, um pedaço de lapa, um pouco de tudo o que a imaginação alcançava, até um bocado da parte branca do figo, se o objetivo fosse apanhar uns sargos ou umas salemas. Mas o que mais havia ali era peixe-rei, castanhetas e rougama ou carapauzitos.

Depois do engodo, uma pequena fateixa era suficiente, às vezes até sem isco, para pescar uns quantos ao mesmo tempo. Presos pela boca, pela barriga, pelo rabo, como calhava. Bem fritos, espetados em pau de loureiro, eram uma autêntica delícia e um excelente acompanhamento para um copo de vinho no fresco da Adega. Com sorte, lá se apanhavam umas garoupitas ou abróteas ou um outro peixe mais substancial.

- Estamos com sorte, a maré está vazia.
- Então também posso ir apanhar lapas, pai.
- Podes, filho, mas sem te molhares e se prometeres que tens cuidado.

Um lapeiro, formado por uma haste de metal, alisada na ponta e cravada a fogo num pedaço de galho de árvore curvado e sem a casca, e um pequeno saco de serapilheira, era tudo o que se precisava para apanhar umas lapas por terra. Ia-se de rocha em rocha, subindo, descendo, escorregando por vezes. Metia-se a ponta do lapeiro debaixo da concha da lapa, empurrava-se, levantando, e lá vinha ela, segurada pela outra mão, guardada, de imediato, no saco. Este gesto

era repetido cadenciadamente, até ser suficiente a quantidade.

Por vezes, depois da apanha, fazia-se um piquenique sobre as rochas. Melhor, sobre as lajes mais lisas, onde as pessoas se instalavam, estendendo uma toalha de mesa de cozinha. Abriam-se os cabazes, de onde iam saindo os petiscos. Nesta refeição as lapas eram o complemento. Retiravam-se com uma concha de outra lapa ou com uma navalha. Comidas assim mesmo, cruas, sabendo à frescura do mar. O vinho, porque indispensável nestes momentos, ia acompanhando a comezaina, pela tarde fora, até que o regresso a casa se impunha. Mas nesse dia, o almoço era na Adega do tio António, a pouco menos de um quilómetro de distância dali.

- Já temos bastantes lapas. É melhor irmos andando que é quase meio-dia.
- Eu apanhei muitas lapas pai, não apanhei?
- Sim filho, mas tens de fazer como te disse. Meter o lapeiro por debaixo da lapa, senão partes a concha.
  - Eu sei, mas elas acaçapavam quando lhes tocava e...
- Quando é assim, não deves insistir em apanhar essa, passas à mais próxima. Entendeste?
  - Sim, pai.

Subindo pela estrada asfaltada, o sol começava a influenciar a cadência dos passos, cada vez mais lentos. O alcatrão começava a derreter nalguns pontos, colando-se aos sapatos. E ainda era só meio-dia. Às duas da tarde é que o calor ia apertar mesmo.

Começava a ver-se as primeiras Adegas. Pedra sobre pedra, sem rebocos, com o telhado da mesma cor da casa dos botes. De resto, escuras, confundindo-se com os muros, formando quadriculados quase perfeitos, que protegem as vinhas, num verde exuberante que adivinhava uma boa vindima lá para Setembro e Outubro.

- Depois do fresquinho junto do mar, derreto-me com este calor.
- Estamos quase a chegar, mulher.
- Já se pode comer uvas?
- Poder podes, filho, mas ainda estão muito verdes. Ora, prova lá este bago.

#### - Blag! É azeda!

A Adega do tio António era, no essencial, como as demais, nem grande nem pequena. Passava-se o portão, percorria-se a vereda de acesso, ladeada pelas vinhas e desembocava-se num pequeno pátio com um alpendre, coberto por uma latada.

Ao centro, uma mesa feita de um tronco de castanheiro, cortado ao meio, com a barriga para baixo. Suportavam-na uma estrutura, também de madeira, com os pés em "X". Os bancos eram cepos de pinho e dois ossos da espinha de baleia, únicos troféus que ali se guardavam da caça ao cachalote.

O edifício não tinha janelas, apenas a porta, não muito larga, o que alimentava o mistério de como teriam entrado as pipas que se encontravam dispostas lado a lado sobre dois troncos de árvore assentes em pedra e travadas por outros troncos mais pequenos. Estavam junto da parede em frente da entrada.

Do lado direito um balseiro, em cimento, onde se depositava e esmagavam as uvas, com uma estranha máquina, o lagar, que as espremia por ação de um contrapeso de pedra, que subia e descia suportada por um eixo de rosca, talhada num tronco, que por sua vez enroscava noutro assente na parede e que empurrava um terceiro tronco ligado a uma espécie de estrado de madeira que comprimia as uvas.

Do lado oposto, uma pequena mesa, com as tigelas de barro, já curtidas pelo uso, canjirões, pratos, talheres...

Dependurados pelas paredes, diversos utensílios ainda em uso ou meramente decorativos, como que prefigurando um museu para as gerações vindouras.

O chão estava forrado de caruma, acastanhada, ressequida pelo tempo, mas matizada de verdes com as novas agulhas de pinheiro com que o tio António havia renovado aquele tapete sobre a terra batida. Era uma sensação única experimentar aquele aconchego perfumado, vendo a luz entrar pelas frinchas das paredes, experimentado a frescura daquele espaço, sabendo que lá fora o calor apertava.

Eram horas do almoço. Debaixo da latada corria uma aragem leve. A mesa estava posta. O vinho corria da pipa em uso para o canjirão e deste para as

tigelas de barro. O tempo passava devagar, como quem tem tempo para tudo. Como quem estava fora do Mundo.

Porque as notícias ainda chegavam tardias e já fantasiadas. O único aparelho de rádio das redondezas só era aberto à hora do Marcelino, Pão e Vinho, não fosse ficar gasto de muito uso. Juntavam-se os vizinhos na sala, ligava-se o foco das atenções, que acendia uma pequena luz em leque periclitante, tugia e mugia durante uns segundos e lá se compunha, fixando a luzinha com firmeza. E as vozes saíam, vindas não se sabia de onde, mas estavam ali, a falar connosco, a partilhar emoções. E havia gente que se emocionava, que chorava.

Alguns anos depois, já se ouviam os relatos de futebol na mercearia do senhor Dutra e isso mudou tudo. Os horizontes ficaram mais largos, os homens já podiam discutir e fazer palpites, mesmo com total desconhecimento de gente que não conhecia nem nunca haviam visto. Um ou outro que já estivera em Lisboa era escutado com todo o respeito e atenção, mesmo que nunca tivesse sequer posto os olhos, nem ao longe, sobre os estádios da Águia ou do Leão.

- Ah, mulher, ouvi que estavam a guerrear num sítio chamado "Abichinha", valha-nos Deus, Nosso Senhor.
  - Deixe lá tia Jacinta, que enquanto guerreiam por lá não guerreiam aqui.

Esta ausência poderia ser saborosa. Quem não vê não sente. Quem não sabe não se preocupa. O que se dizia era genuíno, saber de experiência feito. O que se inventava, quando consistente, provava a inteligência não trabalhada, mas pronta a aplicar.

A escola dava um patamar mas, na prática, pouco ou nada adiantava a quem estava destinado a amanhar a terra, a ser pescador e ainda, nalguns casos, também caçador de baleias, tudo para sobreviver. As mulheres talvez ainda sonhassem menos, contentando-se em serem donas de uma casa onde não faltasse o pão.

Os poucos e raros que iam fazer o Liceu para a Horta ou Angra do Heroísmo eram os privilegiados. Mas, geralmente, por lá ficavam, se não fossem para

Lisboa. Também havia os que emigravam, sobretudo para os Estados Unidos da América ou para o Canadá.

O Manuel emigrou para França, passando a fronteira a salto. Na primeira carta que enviou à mãe falava da viagem de comboio e do comprimento deste, que parecia ter vários quilómetros. Comparava escalas diferentes, à luz do seu horizonte.

Mais tarde, as suas cartas ficaram mais precisas e esclarecidas, dando conta também do que se sofre em terras estrangeiras.

Quando voltou, virou construtor civil, começando pela sua própria casa, dando uso ao que havia aprendido. Comprou terras e cultivou-as, talvez porque soubesse que nisso estava a sua verdadeira riqueza e futuro da mulher e dos filhos. Até nisso se modernizou, adquirindo um trator. Mas também foi o seu fim, quando, insistindo num relevo, a máquina se voltou sobre ele, esmagando-o.

Nessa altura, o Manuel era dos poucos que compreendia o verdadeiro valor da terra que se habita e cultiva. Os valores que vão para além da sobrevivência e da servidão.

- Olhe senhor Ramiro, na América comprei um par de sapatos por quase 10 contos daqui.
  - Pois...
  - E tenho lá uma casa que faz duas desta que aqui tenho.
  - Pois...
  - Pode carimbar senhor Ramiro, pode carimbar, mas olhe que é verdade.

O Ramiro era o estabelecimento central da freguesia, que tinha um pouco de tudo, incluindo telefone público e o correio. Era o Regedor e um homem respeitado por todos. Não gostava era que lhe contassem patranhas ou que se vangloriassem das coisas, manifestando a sua discordância, neste caso, com uma carimbadela da carta com mais força do que a usual para a franquear devidamente. Era um homem sério no negócio e também bem-humorado.

- Ó senhor Ramiro, o telefone cheira a cebola.
- Cheira?!... Com quem é que estava a falar?
- Com o meu primo de São Roque.
- Então deve ser isso. Ele deve ter comido peixe de cebolada.
- Ah, isto também tem cheiro?
- Então não tem? Claro que sim. Você não sabe que se deve lavar os dentes antes de falar ao telefone?
  - Ora essa... Essa não sabia. Obrigado.

Já nessa altura muita gente estava fora. Passados uns anos vinham de férias e, nalguns poucos casos, começavam a pensar no regresso providenciado uma habitação mais condigna com o esforço dos anos passados em terras do Tio Sam ou no Canadá.

Era no Ramiro que se recebiam os sacos, sobretudo com roupas, enviados pelos familiares emigrados e que José trazia para casa, ajoujado ao peso. Era uma dádiva esperada, em vésperas de Natal. Os jeans e as camisas para os homens, os vestidos e blusas para as mulheres. E cartas, amiúde com alguns dólares, que davam conta da grandeza da América e que faziam sonhar com

uma vida melhor a quem ficava.

Sobretudo depois do vulcão dos Capelinhos, as cartas de chamada sucederam-se, fazendo juras, quem partia, de chamar o resto da família. Na verdade, esta parte do Pico não foi muito atingida, mas todos os dias estremecia vezes sem conta. De susto em susto, quase se criou uma certa habituação.

Em São Caetano, lado oposto à demonstração das forças da natureza, apenas se via, nalgumas noites, um clarão, por detrás da montanha. As casas chocalhavam, augurando a eminente queda do telhado sobre as cabeças. Durante a noite, cada tremor de terra parecia de maior intensidade que o anterior. Mas ninguém já se levantava da cama.

Quanto muito umas rezas, como se fazia a Santa Bárbara naqueles dias de trovoada em que Vulcano resolvia descarregar os seus raios sobre uma aldeia que o ignorava completamente. E lá passava e voltava o seguinte. Acordava-se e retomava-se o sono e as pessoas acostumaram-se a viver assim.

- Estava à espera da camioneta da carreira, quando senti o chão a tremer. Pensei que se ia abrir e ia por ali abaixo...
- Eu também senti. Estava na cozinha e fugi logo para o quintal. Jesus, que isto nunca mais acaba.
  - Ouviste o que aconteceu no botequim do Edmundo?
  - O raio que entrou lá dentro?
- O meu homem diz que viu um clarão que veio pela chaminé e entrou pelo soalho abaixo. E deu um estoiro que parecia uma explosão de dinamite e um terramoto.
  - E parece que ficou um buraco no chão, com as tábuas ardidas.
- Foi, foi. O meu homem também viu. A natureza tem muita força. Fizeram uma promessa, por se terem salvo, ao Divino Espírito Santo.

.....

O Rabaça não tivera tanta sorte. Um raio atingiu-lhe o curral dos porcos e matou-os. Dois animais, quase prontos, um para vender outro para salgar. Eles

que tinham acabado de comer uns araçais...

Ainda estava derreado de lhes abrir as covas e de os enterrar, mais negros do que já eram e todos tostados. Tinha sido uma desgracia...

Ficou tão consumido que jurou que nunca mais iria criar porcos.

E, que se saiba, nunca mais se dedicou aos porcos, mas às vacas, que então começavam a ser uma boa fonte de rendimento, sobretudo quando exportadas para o continente.

Eram onze da manhã, de Domingo. O dia estava quase igual a muitos de um mês de Maio, não chuvoso mas de um cinzento carregado. Ouviu-se o estrondo do foguete da baleia, lançado da vigia de São Mateus e, poucos minutos depois, o que não era muito usual, replicado, com vários foguetes do porto da Prainha do Sul, lançados por um baleeiro que estava perto da casa dos botes. Havia baleia à vista nas proximidades.

José e outros miúdos jogavam hóquei em campo na estrada principal, com vista para a baía. Usavam sticks caseiros, amanhados à foice e a canivete, e uma bola meia quadrada feita de um bocado de madeira pinho. As balizas eram duas pedras colocadas a uma distância razoável, que os carros tinham de evitar na sua passagem. Alertados pelos foguetes, os putos - ("- Nosso merim não é puto!" – Gritava o tio Afonso, um velhote com uma fala e confusões peculiares, quando se chamava puto ao filho, uma bisarma de rapaz, daqueles capazes de devorar um boi inteiro.) - voltaram-se instintivamente para o mar.

Um cardume de toninhas aproximava-se de terra, com saltos acrobáticos. Mais ao longe, um esguicho de água, outro, e viu-se nitidamente uma meia dúzia de cachalotes a entrarem na baía. O bote descia já pela rampa, rapidamente. Os cepos, untados com cebo, iam sendo colocados sob a quilha, para a embarcação deslizar até ao mar. Já a flutuar, os homens subiram pelas bordas, colocando os remos. À voz de comando, cadenciadamente, empurravam a água fazendo a embarcação deslizar com elegância e destreza.

Os cachalotes estavam agora muito próximos de terra, para os lados da Ribeira Grande, mas o bote seguia para fora da baía, como se fugisse à caça. Parecia não fazer sentido, mas fazia. Poucos minutos depois, apareceu uma lancha vinda de São Mateus rebocando mais três botes, que largou a meio da baía. As quatro embarcações ficaram assim em posição de cerco. Com pouca profundidade, os cachalotes não conseguiam mergulhar, ficando vulneráveis. Quatro foram trancados, um por cada bote.

O mestre Inácio, arpoador com fama em toda a ilha, com um copo de vinho

erguido, como se estivesse a fazer uma saudação, afirmava que nunca tinha havido uma caça à baleia tão perto da freguesia e que só não apanhara a segunda porque o Feliciano tinha ido pela borda fora. A baleia deu um esticão, parou de repente e voltou a esticar. Ora, a corda enrolada que saia da celha formou um laço e apanhou a perna do homem, que foi com ela. Ficou a pensar que ele se tinha ido, mas o gajo era rijo e lá o apanharam, com a ajuda da lancha e sem perder a baleia, graças a Deus. Não deu foi tempo para ir atrás de outra, que as duas que restaram conseguiram ir para alto mar.

Mais um copo e uma suecada para retemperar as forças de um dia no mar, cheio de peripécias.

A vida do mar é dura. Mas a dos baleeiros era particularmente castigadora. Horas e horas a remar atrás da presa, arriscando-se, com frequência, a irem pela borda fora ou a naufragar. Contavam-se casos em que o cachalote subia debaixo do bote, virando-o. Ou então, demasiado próxima, no momento da arpoagem, partindo-o com um golpe de cauda.

Perigos que jamais compensariam a perda de uma vida. Mas era um risco necessário, um complemento ao sustento. Depois de caçados, os cachalotes eram rebocados para as fábricas, onde eram esquartejados. Em parte transformados em óleo e farinha de adubo.

Mas os baleeiros não eram inimigos das baleias. Respeitavam-nas. Apenas as caçavam porque era necessário à sua sobrevivência.

A Firmina vivia sozinha com o filho. Era viúva de muitos anos, que o marido lhe fora roubado pelo mar. Um daqueles dias em que o desespero foi mais forte que o medo da tempestade que se anunciava.

Mestre Frederico bem avisou. Até fez ver que toda a gente ficava em terra e eram homens de quatro costados. Não vinha nada de bom aí. O mar já começava a encabrestar e só podia piorar. "Ainda por cima à noite... Estavam doidos, não tinham amor às vidas e às famílias. Que pensassem nos filhos..."

Mas nada, o Zulmiro, dono do "Roga a Deus", tinha dívidas para pagar. E a mar bravo já estava ele habituado. Apenas tinha saído duas vezes para pescar desde princípios de Novembro e o Natal estava à porta.

Os outros três pescadores não estavam em situação muito melhor. Desamparados de terras, sem outro trabalho nos últimos tempos, viam a vida a andar para trás. Depois, o Zulmiro era um mestre conhecedor do tempo, em quem se podia confiar. E todos sabiam que já tinha saído com pior mar e tinha regressado sem problemas de maior. A tripulação estava com o mestre e o mestre com ele mesmo, pensando que o risco também faz parte da vida e essa era madrasta. Se a maior parte dos seus cinquenta e cinco anos tinham sido passados sobre as ondas, aquela havia de ser apenas mais uma noite.

Mas foi a última de todas. Onde naufragaram ninguém soube. Apenas não chegaram a terra. Não voltaram do mar. Por lá devem ter ficado, que nenhum corpo deu à costa. Ficaram como exemplo de imprudência, mas se tivessem regressado com uma boa faina, seriam falados como temerários, homens rijos, que desprezavam o medo. É quase sempre assim. A imprudência confunde-se, muitas vezes, com coragem. Claro que nessa altura não havia boletins meteorológicos, apenas a intuição, resultado da experiência, a aprendizagem de saber ler e interpretar os sinais.

Mestre Zulmiro sabia disso, mas perdera o discernimento de medir os riscos. Metera-se numa aventura que o deixara sem dinheiro e património. Resolvera montar um negócio de construção de barcos, num pequeno estaleiro para os lados das Lajes do Pico. Pediu dinheiro emprestado para comprar os materiais e

contratar dois ajudantes, mas os três barcos construídos ficaram por vender. Esquecera-se que se estava no auge da imigração e que cada vez havia menos gente voltada para o mar.

Sendo homem mais do mar, tinha apenas um pequeno serrado que, vendido, pouco mais deu do que para pagar aos homens e parte dos juros do empréstimo contraído. Restava-lhe a casa, herança dos pais, que pouco valia. Era um homem virado do avesso. Nunca lhe passara pela cabeça chegar àquela idade sem um pé-de-meia e muito menos endividado até ao pescoço. Perdera quase tudo e ganhara dívidas.

Viver ou morrer era uma questão difícil de pesar. Os limites da sensatez deixavam de ter sentido. E morrer no mar era condizente com a sua condição. Os outros? Mestre Zulmiro perdera também a capacidade de anjo da guarda e de sacrifício pelos outros. Se queriam ir com ele, que fossem. Não lhes queria mal, mas se arriscavam era por sua livre vontade. Nada de remorsos, que eram todos adultos.

Como aviso para os pescadores ou simplesmente em sinal de luto, no dia seguinte à tormenta, o mar estava calmo, como um lago. Todos os barcos das redondezas saíram, não para pescar, mas para tentar encontrar os homens perdidos. Nada. Deviam ter sido engolidos, barco e gente. Nem um vestígio que denotasse a sua presença nas águas da baía.

- O mar é assim. É bom, mas também se vinga de quem o desafia!
- Ó mestre Frederico, até parece que o mar tem alma.
- E tem, homem... e tem.
- Essa agora!
- O mar é como um Rei. Só deixa que se pesque quando e como ele quer. Quem não respeita esta regra está condenado.
  - E como se sabe isso?
- Sabe-se. Eu disse-o ontem. Temos de saber ler os sinais do mar. Ele não é traiçoeiro, avisa quando não nos quer. E ontem disse-o claramente.
  - Fiquei arrepiado... Vossemecê até parece um feiticeiro a falar.
- Não sou não. Apenas levo muitos anos disto. A pior coisa que pode acontecer é ir para o mar com problemas em terra. Isto vos digo. Pensem nisso e não façam o mesmo que esses desgraçados. Sobretudo, não se esqueçam que a

terra dá sempre, mas o mar não.

......

Firmina esquecera, há muito, o seu homem. Chorara muito a princípio, mas a ferida foi cicatrizando. Já não tinha família que a amparasse e, além da lide da casa, pouco mais sabia fazer que lhe valesse um emprego, por mais modesto que fosse. O quintal em redor da casa era a sua sobrevivência e a da criança com que ficara nos braços e que nem ela nem o marido sabiam que estava gerada quando ele desapareceu. Virara pedinte. Calcorreava a freguesia, uma vez por semana, ensacando o que lhe iam dando. Todos contribuíam com um pouco, do pouco que também tinham. E assim ia sobrevivendo e criando o filho.

- Marau! Quase mataste o meu filho.
- Ele é que me atazanou...
- Mas deste-lhe com uma pedra na cabeça. Podias tê-lo morto.
- Foi sem querer. Não o queria magoar.
- Devia dar-te uma grande tareia, era o que devia fazer.
- E ele está bom?
- Está bom, está, graças a Deus, mas podia ter morrido. És um malandro!

.....

- Queres comer em minha casa?
- Quero.
- Já estás melhor?
- Já estou bom.
- Eu não queria dar-te com a pedra. Mas tu chateaste-me.
- Eu sei...
- Então continuamos amigos?
- Amigos.

Os rapazes almoçavam. Polvo guisado. Depois das pazes e de umas correrias

desde a escola, o apetite não tinha limite. E eram alguns quilómetros do quase começo da Prainha do Galeão, do lado da Madalena, até ao final do Caminho de Cima. O filho da Firmina devia ter corrido mais, tal era a voracidade. Quando seria suposto ter acabado, o rapaz permaneceu sentado, endireitou-se, sacudiu-se, girando o tronco sobre as ancas e de um lado para o outro. De repente voltou a atacar, com a mesma gana. Respondendo à curiosidade, limitou a dizer que estava a ajeitar a comida no bucho para poder comer mais um bocado.

- Gostava de falar contigo. Disse Firmina.
- Porquê, mulher? Não me digas que o José voltou a atirar uma pedra ao teu filho.
- Não é nada disso. É que vou ter de ir a Lisboa e como tu já estiveste lá, gostava que me desses alguns conselhos.
  - Com certeza, se eu souber. Mas vais ficar por lá?
- Não. É uma questão de doença. Doença da barriga. O médico diz que é melhor ir até lá para fazer um tratamento.
  - E onde deixas o teu filho?
- Com a Clementina. Ela tem-me ajudado bastante e o rapaz sempre lhe faz alguma companhia. Não tenho outro remédio.
  - Então entra, vamos conversar...

Firmina foi para Lisboa, poucas semanas depois. Tratar a sua doença, como propalou pela freguesia e pedindo fundos para a sua deslocação à capital. Não lucrou muito, mas acrescido do resultado do peditório que o padre fez em três missas de Domingo, foi o suficiente para a viagem e estadia. O médico, pela via administrativa, tratara também das despesas de saúde.

Cerca de seis meses depois, Firmina estava de volta, mas não vinha só. Trazia uma criança recém-nascida. Aí começou outra história. Ela garantia que a tinha adotado, porque era um coração mole. A vizinhança achava que ela não tinha condições para se ter a si mesma, quanto mais o filho e agora mais o bebé. Como Firmina vivia de esmolas tinha agora de enfrentar os interrogatórios que precediam as dádivas. E não levou muito tempo a modificar, aos poucos, a sua versão dos factos, alimentando cada vez mais as suspeições.

Finalmente, Firmina contou a verdade à vizinha e amiga Clementina, entre convulsões e choro de lágrimas grossas, fazendo-a prometer que nunca diria nada a ninguém. No dia seguinte, era o tema de conversa. Se banida estava, banida ficou, nem mais nem menos. Contrariamente ao que seria de esperar, até ganhou alguma simpatia, de pena pela sua falta de sorte e de repulsa por quem lhe fizera o filho.

O Vieira, um vizinho casado e pai de vários filhos, passara com frequência pelo carreiro que ladeava a sua horta, com o pretexto de encurtar caminho. Palavra puxa palavra, homem é como é e mulher também não é de ferro. E foi o que aconteceu. A mulher do Vieira foi compreensiva e deixou que ele perfilhasse o filho. Houve quem aventasse que a partir daí o homem passava mais tempo em casa da Firmina do que com a mulher, mas, aos poucos, todos se habituaram.

Os carros de manivela não tinham nenhuma. Nem nunca entendi esta designação. Eram, geralmente, três tábuas, ligadas por outras mais estreitas sob estas, pregadas de cima para baixo, dobrando-se as pontas dos pregos, à martelada, até os bicos entrarem na madeira. A tábua do meio ficava mais comprida na parte da frente enquanto as outras eram arredondadas na parte posterior. Os mais artistas e com madeira mais apropriada faziam o corpo do carro numa única tábua.

Sob a parte mais larga eram colocadas as rodas traseiras. A outra extremidade assentava, com um parafuso de orelhas, sobre uma outra tábua transversal que servia de guiador, com as rodas dianteiras.

Cada par de rodas era fixado a um eixo, de tronco fino de árvore ou cortado de uma tábua mais grossa. Na extremidade dos eixos, era feito um sulco, de alguns centímetros, arredondado e alisado. Estes sulcos rolavam nos cocões, quatro bocados de madeira presos nas laterais da parte anterior e na tábua guiador, com a forma de um retângulo ou quadrado cortado em semicírculo.

Depois de colocar os rodados, os cocões eram cobertos por uma tira de borracha de pneu, pregada, de modo a que os eixos não saíssem, sobretudo nas zonas mais sinuosas do percurso. As rodas, geralmente, eram também revestidas do mesmo material, imitando um pneu sem câmara-de-ar. Os cocões e os sulcos dos eixos eram untados com sebo ou sabão azul, para deslizarem melhor e não chiarem.

Não era, portanto, difícil de construir. Simples e gratuito, porque não faltavam os materiais. O problema era que os adultos não estavam para isso. E a rapaziada lá tinha de se virar, improvisando, descobrindo, crescendo.

- Eu dou a madeira.
- Eu tenho o parafuso e um pneu de trator.
- E serra de voltear para fazer as rodas?
- Trago a do meu pai às escondidas. Se ele descobre, mata-me.

.......

- Ai, Jesus... Parti a serra!
- O teu pai vai bater-te?
- Vou levar uma tareia que vou ficar negro. E esta vai ser com o cinto.
- E se formos falar com a tua mãe?
- Não serve de nada, começava a apanhar já. Assim pode ser que ele leve alguns dias a descobrir...

Mas foi mesmo nesse dia. Uma tareia daquelas, que o homem não era para brincadeiras e para atender a súplicas. Mas lá descobriram uma nova serra de voltear e o carro foi concluído.

Havia que o experimentar. Na ladeira do caminho de cima, do lado da Prainha do Galeão. De terra batida, com algum lajedo e pedregulhos que saíam da terra, prontos a desafiar a consistência do bólide e a obrigar à demonstração da perícia dos condutores.

Levava-se o carro até ao topo da ladeira, deixando-o vir por ai abaixo, sem travões, desviando-o dos obstáculos, inclinando o corpo nas curvas, até que parava, por inércia, quase a entrar na estrada principal.

Sorte de principiantes. As primeiras descidas sem incidentes, feitas a medo, com as pernas a tremer com a tomada de velocidade e ao ver os muros de pedras sobrepostas a passar, numa tangente arrepiante. Até que se ganhava alguma confiança e descuravam-se os receios.

Era ai que os acidentes começavam a suceder. Uma traulitada num pedregulho e lá ia o rapaz de rojo (ou os rapazes, porque o carro podia levar dois). Com alguma sorte, ganhava-se apenas umas esfarrapadelas. Pior era a última curva. Algumas cabeças deixaram por lá uns quantos cabelos nas pedras do muro e a pouca vontade de repetir a experiência. Mas era só uma questão de dias, até os galos deixarem de cantar.

Na escola primária das raparigas, o divertimento era um pouco diferente. As escolas eram separadas por mais de um quilómetro. Mas era na das miúdas que se distribuía pão, queijo e óleo de fígado de bacalhau à hora do almoço. Para a maioria, era mesmo a refeição completa. Nem todos gostavam do raio do óleo,

porque aquilo amargava, mas era uma questão de hábito. Fechava-se os olhos e lá ia, na perspetiva de tirar o gosto com o pão e o queijo.

Não havia grande convivência com as raparigas, até porque a professora, mesmo sem falar, impunha um respeito de múmia. Restava, portanto, a brincadeira possível naquele espaço.

Havia uma rampa empedrada, com uma razoável inclinação, semicoberta de tufos de erva. Uma tábua de pinho, já bem alisada pelo uso, era o veículo de transporte. Em grupo, os rapazes sentavam-se na tábua, segurando-se aos ombros uns dos outros, levantavam as pernas e deixavam a tábua escorregar pela rampa abaixo. No final, um zona plana relvada e um muro de pedra e cal, mais alto do que eles, que distava do empedrado cerca de dois metros.

Era neste pequeno espaço relvado que tudo se decidia. Quem conseguisse atirar-se da tábua para fora e rolar pela relva, sujava os calções e sujeitava-se a uma tareia ao chegar a casa, mas não mais do que isso. Quem não tinha a mesma sorte, o mais provável era que fosse bater com a cabeça na parede e ficava sujo da mesma maneira.

Ninguém morreu, nem sequer fez mais do que uns hematomas, maiores ou menores. Gente rija esta do Pico, desde a nascença. O muro é que ia cedendo aos poucos. Rachado por todo o lado, ia-se inclinando, com o tempo e mais com as pancadas, para o serrado de milho do outro lado.

......

A fábrica dos carros de manivela era no pátio da atafona do tio António. A madeira estava mesmo ali à mão, porque ele era também serrador. Era à entrada da porta da atafona que se faziam as tábuas, com uma serra enorme, puxada por dois homens. Um em cima da estrutura, feita de troncos, onde era amarrada a peça a cortar, outro em baixo. Cada um puxava a serra para o seu lado, para cima e para baixo. José ajudou o padrinho diversas vezes, sentindose um homenzinho. Mas, na verdade, era o tio António que fazia quase tudo sozinho.

A atafona era escura. A claridade que vinha da porta só se fazia sentir ao cabo de alguns minutos, com a habituação dos olhos.

Eram os momentos mais esperados pelo rapaz. Fascinava-o sentar-se no

meio daquele engenho, vendo a vaca a rodar à volta.

"Anda, Bonita!". E olhando para as mós de pedra, triturando o milho e a farinha a cair para o saco. Os sacos eram arrumados num outro edifício, nas proximidades, também de pedra não rebocada, uns sobre os outros.

- Ó rapaz, vens ajoujado ao peso da moenga.
- Estou a ajudar o padrinho.
- Valha-me Deus, que o homem é doido, a abusar assim de uma criança doente...
  - Mas eu posso, madrinha. Tenho força.

As Festas do Espírito Santo sempre foram uma tradição bem arreigada nos Açores. Mas nem sempre são da iniciativa da Igreja. Em muitos casos, são eventos quase particulares, em razão de promessas. Foi o caso do tio Umbelino que prometeu levar a coroa se tudo lhe corresse bem nos Estados Unidos.

Volvidos uns anos sobre a sua partida, com bom negócio e os filhos arrumados, regressou para cumprir a promessa, como homem de palavra que sempre foi. Encomendou umas vacas, muito pão caseiro, massa sovada e tudo o demais necessário a uma ocasião destas. Convidou a família inteira e quase toda a gente da Candelária.

De manhã foi a missa, a que se seguiu uma procissão, da Igreja até casa. Com a coroa do Divino Espírito Santo bem segura nas suas mãos, o tio Umbelino extravasava, no seu rosto habitualmente fechado, uma profunda satisfação.

Os anos de juventude a amanhar a terra e a cuidar das vinhas e do gado, eram agora apenas uma recordação longínqua, um episódio que pertencia ao passado. Os filhos criados, um já casado com uma americana, a vida a correr bem pela Califórnia, era tudo o que sempre tinha sonhado.

Pagar esta promessa, mais do que um agradecimento à divindade, era um modo de dizer a toda a gente que se sentia realizado e que queria compartilhar essa felicidade com todos.

A casa da Candelária era grande, mas pequena demais para albergar tanta gente. O tempo ajudava e havia mesas espalhadas pelo terraço e por quase todo o quintal, ajeitado para o efeito. O tio Umbelino mobilizara também alguns familiares e amigos para servirem aos convidados as sopas do Espírito Santo. As carnes e o pão, ensopado no molho da carne, desapareciam rapidamente das travessas, numa voracidade incomensurável. Os garrafões de tinto também se iam esvaziando a um ritmo que parecia colocar em risco o stock. Mas o tio Umbelino ainda não parecia totalmente satisfeito...

<sup>-</sup> José e Francisco, vão até à estrada e mandem parar os carros. Convidem as pessoas a vir comer.

<sup>-</sup> Ó tio, mas...

- Nada de mas, façam o que lhes digo!

José e Francisco cumpriram a ordem. A casa ficava mesmo junto da estrada principal, bastava ficar ao portão e acenar para os carros que passavam, que não eram muitos, aliás. Lá apareceu um...

Não, estavam com pressa. Outro... Eram estrangeiros. Os rapazes desunharam-se em gestos para se fazer entender, mas o casal aceitou. Levados para a mesa de honra, que estrangeiros devem ser bem tratados, ninguém conseguiu entender patavina do que diziam nem eles o que lhes perguntavam, exceto quanto ao objetivo do convite e nisso não se fizeram rogados.

No fim da comezaina, fizeram questão de tirar fotografias junto da coroa do Divino Espírito Santo, colocada num altar cuidadosamente arranjado, repleto de flores. E lá se despediram com abraços, muitos apertos de mão e sorrisos rasgados, retomando o seu périplo pela ilha do Pico.

- Deviam ser franceses... Francês eu não sei, ainda se fosse "amaricano"... dizia o tio Umbelino.
- Deixa lá, homem. Eles comeram e beberam bem. É o que importa retorquiu a mulher, muito senhora de si, do alto dos seus óculos à estrela de Hollywood, com as hastes presas a um cordão de ouro.

Esta simbiose entre sagrado e profano era uma constante. Como era um certo comprometimento entre a Igreja e as pessoas. Muitas festas tinham um mordomo. O responsável pela organização social do evento, se assim se pode distinguir a cerimónia religiosa da parte lúdica fora das paredes da Igreja.

O pai de José era mordomo da festa do Santo com o mesmo nome. Cabia-lhe percorrer a freguesia, recolhendo dádivas, que seriam leiloadas no dia da festa. De saco às costas, os dois Josés calcorreavam as ruas e caminhos, tantas vezes quanto as necessárias para transportarem para a Igreja as oferendas, de acordo com a quantidade e os limites das suas forças.

Depois havia que contratar a Filarmónica, comprar os foguetes e fogo-deartifício, organizar a procissão, distribuir tarefas pelos mais chegados, amigos ou oferecidos. E o mais que fosse necessário para a festa ser um êxito, nunca inferior à última. Tudo sempre em articulação com o senhor padre, claro.

A recompensa, que não era motivo para a dedicação, vinha no dia da festa, durante a missa solene. No final do sermão, o padre, pedindo a todos os fiéis que o acompanhassem, rogava a Deus pelo senhor José e pela sua família. Era a única vez, em cada ano, que o nome dele - do pai de José, claro - era citado perante os habitantes da freguesia.

Pelo Carnaval, alguns grupos de rapazes resolviam mascarar-se e percorrer as casas da família e dos vizinhos. Eram autênticas representações vicentinas de escárnio e mal dizer, mas em mímica e, por vezes, com alguns sons de falsete.

Os visados, que se percebia logo quem eram, nem sempre aceitavam de bom grado a chalaça. Mas, que remédio, lá tinham que engolir em seco e até tentar sorrir. No fundo, era o que todos pensavam deles. O que não queria dizer que fosse algo de mal. Poderia ser apenas a imitação de pequenos tiques. Outras vezes, a brincadeira atingia, de algum modo, a própria integridade moral do visado ou visada.

Improvisam-se as máscaras com cartolina pintada a guache ou lápis de cor. Arranjavam-se umas vestimentas mais extravagantes, geralmente roupa antiga e pouco usada das mulheres. Tudo se fazia no maior sigilo possível, porque o objetivo era não ser reconhecido por ninguém. Até os poucos cúmplices, como mães e irmãs, devotavam total silêncio sobre a identidade de cada um, mesmo perante o resto da família.

- Vais mascarado de quê?
- De mulher grávida, no dia do casamento.
- Essa é boa. E vais vestido de noiva?
- Claro. A minha mãe empresta-me o vestido com que casou.
- Bonito. Vais ter de arranjar um ramo de flores também...
- E tu vais de quê?
- Acho que vou de bispo. Há lá em casa um vestido vermelho comprido, com botões de cima abaixo, que parece mesmo uma sotaina.
  - Se fosse preta, bem podias imitar o padre.
  - Posso imitar na mesma e assim ele não pode dizer que o estamos a gozar.
- Boa. Mas tens de fazer aqueles trejeitos todos. Vê lá se ainda te confundem...
  - Vai bardamerda!

Em cada casa espera-se a visita dos rapeludos. Apenas uma meia dúzia seria contemplada, mas nunca se sabiam quais. Na da tia Joaquina, as mulheres

continuavam as suas rendas e os homens, hoje em casa, discutiam as jogadas de sueca, xingando a inabilidade do parceiro em entender a estratégia delineada. Mais a um canto da mesa, dois jogadores bem mais pacíficos, dedilhavam o dominó. Sabia-se que, quase de certeza, eles viriam ali. Pelo menos duas das mulheres tinham essa promessa dos filhos, só que não se descosiam, claro. E eles chegaram, ruidosos, todos tapados, da cabeça aos pés.

- Aquele parece o Manuel.
- E este o José.
- Não é nada. O José é aquele outro.
- Olha, este parece mesmo a Cremilde.
- Ora, ela também não tinha a barriga tão grande quando se casou.
- Pois não, ia toda apertada.
- Ó rapeludo, quem te fez isso?
- O bispo mais parece o senhor padre, mas imita melhor o carneiro do tio Jacinto. Está sempre a baloiçar sobre as pernas.
  - Olha, aquele até pareces tu a fazeres a colcha que nunca mais acaba...

Acabada a representação mímica, as palmas devidas pelo divertimento. Era hora de se comer uns figos passados, pão-de-ló e beber angelica. Os rapazes já vinham bem aviados de outras casas, mas era dia de festa e a bebida até ia melhorando o desempenho para uma próxima paragem.

Levantavam um pouco a máscara, de costas voltadas para o público, e lá iam mastigando as guloseimas e saboreando o néctar. Alguém mais atrevido, sobretudo as crianças, tentava decifrar o rosto, mas eram prontamente sacudidos, porque era tabu sequer adivinhar e muito menos dizer o nome.

Mesmo que tivessem sido inconvenientes para alguém, paciência. Nos próximos dias tudo estaria esquecido e sem rancores. Era uma brincadeira, um divertimento e ponto final.

Vinte e cinco de Abril. Não, este de há muitos anos antes. Ainda ninguém sonhava com outras figuras que não fossem as do Almirante Américo Tomaz e Oliveira Salazar, se com elas sonhavam ou tinham pesadelos...

Ainda se contavam histórias da Segunda Guerra Mundial, como a do submarino alemão abatido pelos aliados ao largo da Candelária. O único sobrevivente terá oferecido o colete salva-vidas a alguém que o ajudou a subir para terra. Do destino do alemão não rezava a história. Mas, atendendo ao alinhamento de Portugal na altura, deverá ter guardado uma grata recordação do nosso país e da hospitalidade das gentes do Pico, porque afinal, apesar de inimigo, era uma pessoa.

Ainda o dia mal acordara, debaixo de um capacete cerrado, e já alguns homens emborcavam a cachaça da praxe. Não há micróbio que resista a isto. Nem gripes nem constipações. Aquece a alma e anima antecipadamente a festa que se adivinha. Sabe-se que o sol já vem a caminho, da banda das Lajes, e que o céu há de abrir. Também se chover a festa faz-se na mesma. Homens rijos, sobretudo neste dia, não devem temer nada.

É a Festa dos Cornos. O mordomo do ano pega no búzio e sopra no sentido da aldeia, chamando os irmãos. A coroa já está colocada sobre uma mesa improvisada, pronta para a função.

Os homens acorrem, precedidos dos rapazes, como José, excitados por partilharem o mundo dos grandes. Sim, que esta festa é só de homens. O mordomo vai coroando todos os casados que chegam, que recebem a coroa na cabeça, de joelhos e mãos postas, depois de beijarem os cornos. É idêntica à do Divino Espírito Santo, onde a pomba foi substituída por uns chifres de boi bem dotado.

Os poucos automóveis que circulam pela única estrada que ladeia a ilha são obrigados a parar e a cumprir o ritual. Nem todos. Alguns carregam no acelerador e, quase por milagre, os mais afoitos não são atropelados. Mas nada acontece, talvez por proteção daquela peculiar espécie de santo pagão.

Acabada a manhã, pausa na festa. Há que retemperar as forças, com um bom almoço, para continuar pela tarde fora. É a procissão. Caniços, formando quadrados, imitam os desfiles das festas do Espírito Santo. Um pálio e guiões

ou estandartes de serapilheira, acolhe a coroa, transportada pelo mordomo, e enfeitam a marcha que vai percorrer todo o Caminho de Cima, à cata dos casados que ainda não se dignaram expiar os pecados do ano.

- Ó corno vem cá coroar!
- Anda cá corno!

E o homem vinha. Às vezes com um sorriso amarelo, mas sem vontade de contrariar a maioria ou de ficar rotulado com má fama. Os raros que recusavam ou não atendiam o chamamento não se livravam, nesse dia e nos próximos, de aleivosos ditos sobre a integridade moral da sua cara-metade.

Pois, cornos ou cabrões, na linguagem dominante do continente, eram os que se recusavam a receber este sacrossanto linimento para o ego masculino.

Como o professor da freguesia, que morava na Prainha do Galeão, porque os irmãos desta irmandade não se coibiam de condição e até ao padre iriam se fosse casado. Sabia-se o homem em casa, mas, por maior que fosse a gritaria do chamamento, nada. Logo ali ficou rotulado, não só por não dar mostras de aceitar a tradição, mas sobretudo por uma certa inclinação, não confirmada diga-se, para certos gostos pouco comuns, pelo menos naquela época, o que poderia justificar o que também se insinuava sobre pecados, também não provados, da sua excelsa esposa.

Exumados os fantasmas e preconceitos, entregava-se a coroa ao próximo mordomo, arrumavam-se os estandartes e bebiam-se mais uns copos, para acabar o dia em beleza.

Ao deitar, ficava o sentimento do dever cumprido, da fidelidade da respetiva mulher e, talvez, a ideia de que tinham mantido uma tradição cujas origens desconheciam, que conflituava frontalmente com a Igreja e a Festividade do Espírito Santo, mas, se calhar por isso mesmo, mais apetecível.

No fundo, todos encaravam a Festa dos Cornos como uma brincadeira, mais uma manifestação carnavalesca, fora de época.

O próprio padre, que a princípio pregou uns sermões profundos sobre paganismo, blasfémia e ateísmo, descurou os seus deveres canónicos para, compreensivamente, votar este episódio anual a um religioso esquecimento.

O porco era uma espécie de economia de recurso. Comprava-se o leitão, para quem tinha algum dinheiro, claro, criando-o até pronto para a matança. Alimentava-se de tudo. Os restos de comida, batata-doce, inhame... Por vezes, até parecia querer devorar a própria pia de pedra. Engordava a olhos vistos, sempre esfomeado, ignorando, para felicidade dos donos, as consequências do seu pecado da gula.

- Vai dar a lavagem ao porco.
- Sim, mãe, mas não vou entrar no curral.
- Atiras cá de cima, desde que acertes na pia. Tem cuidado que hoje não tenho mais nada para lhe dar.
  - Sim, mãe.

O porco adivinhava a comida. Metia logo o focinho na pia, ainda sem nada. Animal estúpido. Havia que esperar que se afastasse, mas nada. "- Sai daí!". Mas não saía. A solução era entrar mesmo no curral, sobre a pedra que estava junto da pia para não se sujar.

Foi o que José fez. Afastando a cabeça do porco da pia, com o pé, lá conseguiu despejar metade do balde da lavagem. Metade apenas, porque o porco estava esfomeado, avançou com tanta força que o desequilibrou. O rapaz caiu sobre o porco, estatelando-se no chiqueiro, e, para completar o desastre, despejou o resto da comida em cima das costas.

- Porco estúpido. animal!
- Ah, ah, ah... Claro que é um animal e o estúpido és tu, meu palerma.
- Ainda te ris, pai? Já viste como eu fiquei?
- Olha para o teu estado! Mais valia eu ter dado a comida ao porco.
- Ó mãe, também? Que culpa tenho se este estupor é cego?
- Pronto. Vais ter de tomar um banho geral. Vou por a água a aquecer.
- Entretanto, fico a cheirar a esta porcaria...
- Vai-te despindo. Não está frio.
- Pois. E fico só em cuecas...

O banho geral era uma vez por semana, ao sábado à tarde ou domingo de manhã. Naquela tarde, antecipado para quarta-feira. Uma celha de madeira, como uma meia pipa, era a banheira de então. Depois da ensaboadela, com sabão azul, que sabonetes eram um luxo, um púcaro de madeira fazia as vezes de duche, para limpar a espuma. Nos demais dias, lavavam-se, numa celha menor, passando a água com pouco sabão pelo corpo.

A retrete, a casinha, distava uns vinte metros de casa. Uma pequena construção em pedra sobreposta, com um pequeno telhado em rampa, de telha vermelha. A sanita era um estrado de madeira, com um buraco redondo no meio, assente sobre uma fossa pouco assética.

Mas sobrevivia-se, com mais ou menos micróbios. Havia até quem andasse descalço, sem agasalhos, e dormisse à chuva e não morria por isso. Pelo contrário, pareciam mais sadios do que o rapaz que vivia em frente. Sem gripes, constipações ou outra maleita qualquer. Em casa andavam e dormiam nus. Eram irmãos e irmãs e já crescidinhos. Devem ter inventado o naturismo, sem preconceitos nem filosofias.

- O que é que a mãe do Joaquim lhe está a fazer?
- A catar lêndeas e piolhos. Olha, deixa cá ver a cabeça, que tu andas muito com eles.
  - Ó mãe!
  - Ó mãe, nada. Estás cheio de lêndeas e piolhos também.

.....

O porco estava pronto para a matança. Gordo, anafado, mal se mexendo no curral. Já pouco se servia do abrigo, preferindo ficar, esticado, dormindo, sempre dormindo, junto da pia. Só se levantava quando lhe cheirava a comida. Mas entre se levantar e meter a cabeça na pia, já decorria o tempo mais do que suficiente para, paulatinamente, lhe vazar a lavagem.

O José sabia do destino do animal. Apesar de se lembrar bem do banho antecipado que lhe causara, sentia uma certa pena pelo desfecho. Era o mesmo com as galinhas que, de vez em quanto, tinham de marchar. Já com os pássaros,

que se apanhavam nos chiós ou à fisga, não lhe metia tanta impressão.

- És um mariquinhas.
- Pai!...

Não era coisa que se chamasse, mesmo a um rapazinho. Era uma ofensa grave, que magoava o ego. Quando já se começa a catrapiscar as rapariguinhas. O pai sabia disso, mas testava-o, como se se quisesse certificar da masculinidade do filho. E ficava contente com a resposta, com a revolta devolvida de imediato, frontal e de olhos bem abertos.

Mas a verdade é que o pai também não era capaz de matar certos animais, como um cabrito que por lá calcorreou uns bons meses. Teve de ser um amigo e vizinho, no talho que ficava a poucos metros da casa. As pessoas afeiçoam-se aos bichos. Menos aos que, mais habitualmente, devem ser encarados como suplemento alimentar. Mas esta distinção ainda não a fazia o rapazinho de calções.

A carne de porco não era exclusiva, apesar de ser a base alimentar depois do peixe, da maioria das pessoas. O talho ao lado era também matadouro e a carne de vaca era habitual, pelo menos uma vez por mês. Era a recompensa por o pai de José ir ajudar nas matanças. O rapaz também tinha a sua. Uns bocados de carne crua. Porque era uma curiosidade vê-lo comer, com tanta satisfação, aquela carne fresca. "- Deve ser descendente dos trogloditas, pois claro!".

Chegara o dia da matança do porco. Na véspera já se haviam feito alguns preparativos e apanhado as vassouras necessárias. Reunia-se a família e alguns amigos mais chegados. Enquanto as mulheres tratavam do almoço, os homens esforçavam-se por retirar o porco do curral e levá-lo para um local adequado ao sacrifício. Manietado devidamente, havia que lhe atingir o coração com pontaria. A faca estava afiada, rebrilhando ao sol do verão. O mestre apontou com mestria. O porco esperneava, sagrando, com grunhidos de morte.

- Vê lá se fazes bem o trabalho, que o porco do Simão, depois de espetado,

levantou-se de novo...

- E foi comer batatas para o quintal.
- Aquilo é que era um porco!
- Ou uma grande patranha, que a gente não viu.
- Calem-se lá e segurem o animal!

Mas este estava mesmo morto e bem morto, com a língua de fora. Havia que lhe queimar o pelo. Era para isso que serviam as vassouras. Já se ouvia falar dos maçaricos, mas ali ainda era tudo ao natural. Fazia-se uma pequena fogueira junto do animal, largava-se fogo às vassouras e queimava-se, assim, a pelagem. Não ficaria uma perfeição, mas pouca importância tinha. As raspadeiras fariam o resto. E a pele ficava sem pêlos. No seu tom original, a de um leitão adulto. Agora era abri-lo, retirar-lhes as tripas, que serviriam para a morcela e a linguiça, e deixá-lo pendurado até ao dia seguinte. Horas de almoço, com o cheiro a porco, recém-sacrificado.

No dia seguinte continuava o evento. A desmancha do porco. Faziam-se os torresmos, a morcela e a linguiça, assavam-se uns bocados de carne e o almoço já condizia com a matança. O resto era colocado em salmoura ou em banha, previamente derretida, em potes de barro, para assim conservar as carnes pelo ano fora.

A matança do porco, necessário à sobrevivência, era também um pretexto de encontro, de reunião da família. Assim se podiam ver as famílias unidas e desavindas. Também símbolo de entreajuda entre parentes e amigos. A matança do porco era, particularmente, um acontecimento social.

Sachar e abarbar o milho. Era de pequenino que se começava. Escola sim, mas depois desta e nos fins de semana e feriados tinha de se ajudar o pai a amanhar a terra. Era também uma questão de aprendizagem para a sobrevivência. Apanhar lenha, castanhas, sulfatar as videiras e as figueiras... Enfim, um rol de trabalhos que precisavam de ser feitos e pelos próprios donos da terra.

- Vamos ver quem é que abarba mais depressa.
- Sim, pai. Vou ganhar...

Só esporadicamente se chamavam outras pessoas. Nessas ocasiões, havia uma solidariedade total. Todos ajudavam cada um. Era quando se colhia o milho ou na altura da vindima. A dona da casa, ajudada pelas vizinhas, preparava o almoço e o jantar para os trabalhadores. Se estavam em terras mais distantes, o almoço era transportado para o local, em marmitas e cestos de vime, onde cabia tudo. Comida, vinho, pratos, talheres, toalhas... Comia-se como calhava, sentado numa rocha, no chão ou de cócoras. O importante era que a comida fosse substancial e não faltasse. Mas não se permitia muito descanso. Concluído o almoço, voltava-se ao trabalho.

Se a colheita era a do milho, havia que secar as maçarocas ao sol. A burra, já construída há alguns anos, precisava de uns retoques. Era uma estrutura em pirâmide, formada por quatro troncos assentes no solo. Na parte superior os troncos juntavam-se, amarrados por arame ou por outro material qualquer. Do chão para o topo, começando à altura de uma criança, travessões, feitos de galhos de árvores, também amarrados ou pregados aos pilares e que iam diminuindo de tamanho. As maçarocas eram penduradas nesses travessões, formando uma espécie de forro compacto. E assim ficavam alguns meses, até que se pudesse utilizar o milho.

Debaixo da burra ficava um espaço imune à chuva, lugar de muitas brincadeiras das crianças. Era um espaço de refúgio, quase mágico. Palco da muita imaginação de que se é capaz quando pequeno e sem maldade. Mesmo que se brincasse aos médicos. A Adelina sugeriu e ele aceitou. Ficaram até ao

grito para o jantar, descobrindo os corpos, tateando as formas. No fim, pareciam mais seguros, mas também envergonhados. Estavam a ficar precocemente adultos.

- Queres que eu seja a tua namorada?
- Quero.
- Mas olha que o Albino não te pode ver, ainda te dá uma tareia.

- ...

- Tens medo? Não dizes nada?
- Não tenho medo.
- Isso é que tens. Mas pronto, a gente só namora aqui ao balcão. Quando ele entrar tu vais embora.
  - Está bem.
  - Ó vizinha, o seu filho pediu-me em namoro...
- Foste tu, serigaita, que eu bem ouvi. Coitado do rapaz, que ainda fica convencido.
- Ah, ah,.. Acho que ele ficou mesmo convencido, já começa a ser um homenzinho.
  - Olha, como vai a tua avó?
- Na mesma, na mesma. Esteve cá o Senhor Gervásio e aplicou-lhe umas ventosas, mas não vejo melhoras.
- Também já tem a sua idade, tomara nós chegarmos à idade dela. Já não há ninguém por aqui com noventa e três anos.
- Lá isso é verdade. Que Deus me perdoe, mas era melhor para ela deixar este sofrimento, ali presa a uma cama, já vai quase para cinco anos.
  - E para vocês também, coitados, que têm de lhe fazer tudo.
  - Pois é, vizinha, pois é...

•••••

É dia de vindimas nas terras do tio António. Muita gente da família e alguns vizinhos e amigos, prontos, de cestos de vime nas mãos. O dia vai ser todo de trabalho, que o padrinho de José tem muitas videiras.

Os cachos são desengaçados ou cortados a navalha e colocados nos cestos.

Quanto estes ficam cheios são esvaziados em cestos maiores, arrumados no carro de bois, que os transportará para a Adega.

À hora de almoço, merenda-se, aproveitando também algumas uvas como sobremesa ou ao longo da tarde, se a fome apertar.

Só ao pôr-do-sol, ainda com uma pequena parte por vindimar, há direito a descanso. Alguns teriam ainda de voltar no dia seguinte, durante algumas horas da manhã.

Os cachos de uva seguiram para a Adega. No dia seguinte serão colocados no balseiro, após serem limpos de bagos estragados e de algumas impurezas. Depois de esmagados pela prensa, correrão as primeiras gotas de vinho doce. Prova-se e faz-se augúrios para que o vinho do ano saia bom. Mas ainda vai levar algum tempo para se saber. Primeiro terá de fermentar. Hão de voltar todos para provarem o primeiro vinho do ano.

Quase só se fazia vinho das uvas Isabel ou Sabel, um quase morangueiro, mas que sabia bem, sobretudo quando bebido nas tigelas de barro, curtidas pelo tempo.

O verdelho, que afamava o Pico, só esporadicamente aparecia por ali.

Claro que se ouvia falar que, antigamente, até os Czares da Rússia não o dispensavam. As pipas eram deitadas ao mar, rebocadas e içadas para os navios.

Mas havia outros tipos de vinho, para já não falar nas aguardentes, nos licores e na angelica.

E, aos poucos, com a introdução de novas castas, o Pico ia demonstrando a qualidade das suas videiras, implantadas em terras e currais de lava.

João Mirrança era de caganças. Estivera em Timor durante a tropa e ficara mais uns anos na Metrópole. Contava coisas, gabando-se dos feitos. Mas, por razões que não se entendiam, arribara de novo à aldeia. Desunido da terra, que lhe perdera o jeito, virara tanoeiro, ofício que nunca explicara como aprendera. À porta da oficina, um bidão, que fora de alcatrão, sobre quatro pedras. Por debaixo, achas de tronos de madeira, incendiadas por caruma, faziam a água ferver. As futuras aduelas eram aquecidas na água, até ser possível arqueá-las, com o esforço do próprio corpo.

As pipas surgiam aos poucos. As aduelas eram cingidas ao fundo, uma circunferência de tábuas de madeira, coladas e encaixadas, adelgaçada na periferia, de modo a ajustar com a reentrância das aduelas, que iam segurando com as primeiras cintas. Completava-se a tarefa com a colocação do topo da barrica e das cintas que escorregavam de cima para baixo. Uma espécie de escopo sobre o metal ia fazendo as cintas pressionar a madeira, a golpes de martelo, dando a volta à futura vasilha do vinho e assegurando que nem uma gota seria vertida.

- Então? Esse quinto está quase pronto?
- Há de estar, quando estiver.
- Homessa! Olha que preciso disso para domingo. Vou vazar do balseiro.
- Se não vazares neste domingo, vazas no outro. Aqui o trabalho faz-se devagar, para sair bem feito.
  - Mas o quinto parece pronto. Só falta apertar as aduelas.
- Parece, mas não está. Agora ainda tenho de inchá-lo e ver se verte. Se não sair água, talvez o leves a tempo. Caso contrário, nada feito.
  - Oxalá que não. Mas tu és bom nisso. Vai sair perfeito.
  - Vamos lá ver. Essa fez-me lembrar que, quando estava no Continente...
- Desculpa lá, João, mas estou com pressa, tenho de levar este par de sapatos ao Sola, para lhe meter meias solas.
  - Vai, vai. O Sola das solas. Com um nome desses só podia ser sapateiro.

......

O Sola ficava a pouca distância. Solteirão, passava os dias, de manhã à noite, a fazer sapatos ou a remendá-los. E fazia os sapatos e as botas como deviam ser feitos. De coiro e borracha, para durarem uma vida. Regrada, entenda-se, que a vida do calçado por ali era tudo menos normal. Pedras, pedregulhos, terra, chuva, o próprio suor dos pés, davam cabo do melhor cabedal e borracha de pneu, por menos careca que estivesse. E então os sapatos com sola de cabedal, só podiam pedir mesmo meias solas ao cabo de pouco tempo.

Defeito do sítio, que não do homem. Este trabalhava, enfiando a sovela, metendo e puxando o fio untado, agarrando o corpo do sapato à sola. Tudo cosido, nada de colas. Feito à medida do pé de cada um, desenhado sobre um papel de embrulho. Quando não cabia na prova final, esticava-se o cabedal com uma forma, durante uns dias.

- Estão largos.
- É mesmo assim. São novos e ainda vão encolher. E depois, são contra o calo.
  - Contra o calo?
- Sim, homem. Mais larguinhos não te criam calos e se os tiveres por outra razão, não tens de mudar de sapatos.
  - Está bem visto, sim senhor...

À cautela, o Sola, de saber de experiência e prejuízo feitos, começou a dar um desconto nos moldes para cima, não fosse o diabo tecê-las e ficar com mais um par de sapatos no mostruário, à espera que alguém o levasse. A história do sapato contra o calo ia convencendo.

- Ó Sola!
- Ai...
- O que te aconteceu, homem?
- Espetei a sovela na perna.
- Como fizeste isso?
- Assustaste-me.
- Valha-te Deus, homem. Enfiaste a sovela quase toda...

- Vou puxá-la... Ai, porra, que isto foi até ao tutano.
- É melhor levantares a perna das calças para vermos a ferida...
- Foi mesmo junto do joelho.
- Mas só tem a marca, quase nem tem sangue.
- Pois é, mas lá dentro. Porra, que não me consigo levantar.
- Deixa lá que eu ajudo.
- Não vale a pena. A perna está morta. Não a sinto.
- Ó diabo! É melhor ir chamar alguém que perceba disto.
- Não. Não vale a pena. A perna há de acordar. O problema é se isto infeta e ainda fico com gangrena.
- Calma homem, que já basta um Edmundo por cá. Coitado do homem, sem a perna e sempre preso àquelas muletas...
- Raios te partam! Que bela ajuda me saíste... Olha, traz-me aquele bocado de breu que está naquela prateleira e, já agora, a garrafa de aguardente que está ao lado.
  - Para que queres o breu e a aguardente?
  - É para desinfetar a ferida. Traz, que eu cá me arranjo...

O Sola pegou na garrafa de aguardente, meteu-a à boca e bebeu uns bons tragos. Depois, no breu e no isqueiro. Derreteu parte do breu, como se faz com o lacre, e encostou-o à ferida. Cerrou os dentes e os olhos, antevendo o impacto na pele. Apenas contorceu o corpo e a boca, num esgar de dor, mas agora sem um ai. Sobre a ferida, uma queimadura negra, raiada de sangue. José e o pai assistiram ao tratamento de choque, boquiabertos. O rapaz sentara-se mesmo, lívido e completamente desfalecido. O Sola respirou fundo uns segundos e abriu os olhos, descendo a perna das calças. Selado o incidente, estava pronto para continuar o seu ofício.

- O melhor é tomar mais um bocado de aguardente. Sempre desinfeta melhor. Disse o Sola, já a gracejar.
  - Nem acredito no que vi, homem. Tens cá uma coragem!
- É assim que curo as picadas da sovela nos dedos. Também há de resultar com a perna.
  - És doido! Até parece que doeu mais a mim do que a ti. E já sentes a perna?

- Já está a acordar. Mas, o que é que tu querias?
- Pôr meias solas nestes sapatos.
- E vais tremer mais ainda quando te disser que isso nem meias nem quartos de solas aguenta. São sapatos da Metrópole. Usam-se e deitam-se fora.
  - E então o que é que eu faço com eles?
- Lixo, homem, lixo. Vê mas é os que estão ali no mostruário, se queres uns sapatos que te durem o resto da vida.
- Se não morrer cedo, ainda venho cá reclamar, mas agora até os sapatos te compro.

A estrada principal, a única que ladeia a ilha, estava a ser arranjada. O pai de José trabalhava nas obras públicas há uns bons meses. Ciente do jeito que poderia fazer mais um ordenado, por pequeno que fosse, instigou o rapaz a ingressar no contingente dos varredores. Eram férias de verão e José aceitou sem relutância.

Aliás, nunca ninguém soube porquê, nem ele próprio, porventura, mas costumava dizer, quando lhe perguntavam o que queria ser quando fosse grande:

## - Quero ser padre e conduzir uma camioneta das obras!

Começava pela aproximação ao fim do desejo, mas já era alguma coisa. A função, como a de muitos rapazes da freguesia, era a de varrer a areia ou terra que colocavam em cima do asfalto derramado. Nos dias quentes, os pés pareciam escaldar e o calor do sol fazia o resto. No fim do dia, mais morto que vivo, lá subia, animado pelo pai, o empedrado que os levava a casa.

No portão de entrada, o amigo de sempre. O Aviador esperava por eles. Parecia que gostava de fazer jus ao nome. Empoleirava-se no pau da linha, um tronco de pinho de uns dois metros e pouco de altura, de pequeno diâmetro e arredondado no topo, ficando ali, de patas quase unidas, horas e horas a fio. "- Este gato deve ser arraçado de papagaio. Só lhe falta falar!".

Saltava então para o umbral do portão e deste para o ombro de José. E, assim, ia até à porta de casa, ronronando pelo caminho, como se estivesse feliz pelo reencontro depois de tantas horas de ausência. A comida para o Aviador precedia o jantar, com direito a uma tigela de barro própria, ao lado dos degraus da porta de entrada. Havia mais gatos, mas este era especial, os rafeiros tinham um tratamento comum. Porque aquele caíra no goto, soubera conquistar um estatuto próprio, à altura.

A gente vai crescendo sem dar por isso. À custa das papas de milho que a madrinha fazia e obrigava a comer todas as manhãs antes da escola. Era um suplício ao princípio mas criava-se habituação. Também o caminho da escola para casa já não tinha segredos. E um homem bem pode fazê-lo sozinho,

mesmo à noite.

Eram uns bons dois quilómetros desertos de casas e ladeados de muros, com as videiras e o milho a abanarem com o vento. O chão coberto de pedregulhos exigia uma atenção permanente para evitar as topadas. A lua projetava fantasmas a cada passo. E falava-se de aparições. O Paulino tinha visto uma.

- Mas, afinal, o que é que tu viste?
- A Nossa Senhora. Estava toda vestida de branco. E tinha uma luz à volta.
- E que é que fizeste?
- Corri. Fiquei cheio de medo e corri até casa.

Ninguém acreditava muito no que o Paulino dizia. O que ele tivera tinha sido apenas medo por não estar habituado a fazer aquele caminho à noite. Tivera medo e o medo faz ver coisas. Era o que era. Nossa Senhora lá ia aparecer no serrado dos Cunhas e ainda por cima a um labrego. Coisas de criança, a quem a avó devia ter contado a história das aparições de Fátima. Era o palpite do professor primário, seguro da sua sabedoria.

.....

O mestre-escola também sabia outras coisas, como ensinar à força. Era um homenzarrão que metia respeito só pela figura, mas, por via das dúvidas, distribuía chapadas, a torto e a direito, à mínima falha.

Nos dias de pior disposição recorria à cana-da-índia ainda verde. Nas mãos, nos costados, onde calhava. E por mais que os rapazes as escondessem, geralmente aproveitando um buraco no soalho que as levava para a loja do prédio, ele arranjava outras, novinhas em folha e mais castigadoras ainda.

José era dos menos contemplados. A mãe falara ao professor da doença do coração e, na verdade, até era o melhor aluno, mas isso não impedia umas verdascadas extemporâneas, que o homem tinha a mania de ser reto e justo. Donde, apanhavam todos. Num belo dia, sem que ninguém soubesse porquê, desatou a perguntar matéria que ainda não tinha dado. Foi tudo corrido a eito!

- Não, senhor professor.
- Então, dá cá a mão...

Uma meia dúzia de vergastadas, vindas quase da altura do teto, com a mão segura na do professor, que ele não tinha tempo a perder com hesitações. Aquilo magoava mesmo. A mão ficava vermelha e começavam a sobressair uns sulcos esbranquiçados. Por mais que se soprasse, que se esfregasse as mãos nos calções, levariam muitas a horas a desaparecer. Os vincos e as dores.

O que mais magoara mesmo nem tinha sido o castigo, mas a injustiça, ia remoendo José até casa da madrinha. Depois, esqueceu. Voltou aos seus barcos em casca de pinheiro, talhando traineiras, navios que se avistavam ao largo. O canivete afiado ia criando e recriando a realidade e o imaginário, acrescentando, de vez em quando, mais um golpe nos dedos.

Uma saltada à oficina de ferreiro do Aníbal compunha a tarde. Esfalfava-se a dar ao fole, mas gostava daquele ambiente, com o fogo a surgir debaixo do carvão e o Aníbal a bater o ferro quente na bigorna, moldando foices, enxadas e o que lhe pediam.

Já pela noite, depois do jantar, eram horas de recolher a casa. A mãe estivera a costurar fora e o rapaz tinha ficado a cargo da madrinha. Era assim há alguns anos. Durante algum tempo, a mãe vinha-o trazer e levar. Mas agora ele bem podia ir sozinho. Já era crescido. E lá ia, sempre a correr. Talvez para encurtar a distância, talvez mais para não dar oportunidade às aparições.

Mas nos dias mais nebulosos, como aquele, em que apenas umas réstias de luar deixavam ver os contornos do caminho, a imaginação corria mais depressa que as pernas. Os fantasmas saltavam por cima de cada muro, disfarçados de maçaroca açoitada pelo vento, de ramo de bananeira recortada como um lençol escuro, pronto a atacar.

Os descampados davam uma sensação de alívio, mas era aí que se viam os serrados e onde se davam as aparições. E as almas do outro mundo também por ali andavam, gemendo, carpindo nas frinchas dos muros, por entre os caniçais.

Os gritos das cagarras, afastadas da costa pelo prenúncio de tempestade,

sobrepunham-se aos sons sobrenaturais. Eram os únicos seres vivos por ali. E deviam, por isso, ser motivo de alento. Mas não, em bando, faziam tangentes a poucos palmos da cabeça, mal se distinguindo o seu recorte no céu. Apenas um zumbido de voo picado e o bater de asas ao retomarem altura. Parecia que confundiam as pessoas com peixe. Talvez que as cagarras fossem mais almas do outro mundo...

No meio desta algazarra, José corria ainda mais e mais. Já media o tempo e a distância que o separava de casa. Sabia que em mais uns minutos teria a proteção das primeiras casas. Aí já podia diminuir a marcha, respirar fundo e seguir mais descansado.

E chegava, finalmente, exausto de tanto correr, mas contente consigo mesmo, por ter superado mais uma prova, por ter superado a si mesmo. Mais crescido, mais adulto. Se muita gente sentia medo por fazer aquele percurso sozinho, ele tinha-o feito. Muitas vezes. E ia aprendendo, ganhando confiança em si mesmo e no que o rodeava.

A certa altura, quando não era capaz de decifrar o que via, uma pedrada resolvia a questão. Se não tugia nem mugia, não era fantasma. Podia continuar. E como isso nunca aconteceu, concluiu que devia dedicar mais atenção aonde punha os pés. É que já tinha caidelas suficientes que, felizmente, não passavam de uns arranhões, mas o pai tinha partido uma clavícula, ao cair da bicicleta numa daquelas noites.

- Ó rapaz vens todo alagado pinguiando...
- O que é que podia fazer? Com os relâmpagos não podia abrir o guardachuva.
  - Ora essa, porquê?
  - Porque tem a ponta de metal e pode atrair os raios. Aprendi na escola.
  - Ah...
  - E com este tempo o guarda-chuva de pouco serve.
  - Tens razão, sim senhor. Entra, vem-te secar.
  - Estou todo molhado mesmo...
- É melhor tirares tudo. Ponho a secar junto do forno, que ainda está quente da cozedura do bolo.
  - Tudo?!
  - Sim, tudo. Cuecas também.
  - ...
  - Não me digas que tens vergonha de mim... Anda lá!

José arribara a casa de um tio, por afinidade, em S. João. Era um homem rico, reformado, que demonstrava o agrado da visita com uns poucos escudos. Mas que davam para comprar, pelo menos, alguns metros de fio de náilon e anzóis. Era o suficiente para justificar a lonjura da viagem a pé. Frustrada, por vezes, com a ausência do benfeitor, como naquele dia. O homem fora para o Cais do Pico e só voltaria à noite, sem qualquer contemplação pelo sobrinho interesseiro e ignorando o sacrifício que fizera, exposto àquela intempérie repentina e inoportuna, que o apanhara ainda mal passara a Terra do Pão.

Agora, no princípio da tarde, ali estava, nu, na frente de uma mulher quase desconhecida. Devia ter cerca de trinta anos. Desde os dezasseis que viera viver com o tio, para cuidar dele. Era hábito nas famílias numerosas emprestar filhos a familiares próximos, irmãos ou irmãs sem descendência, para os criar e também ajudar nas tarefas domésticas. Era uma espécie de cedência de custódia, porque os filhos continuavam a ter o mesmo estatuto que os restantes irmãos junto dos pais, a quem visitavam com frequência, mas viviam na casa da tia ou do tio. Se o familiar fosse mulher, a cedência poderia ser ainda em tenra

idade. Se fosse homem, apenas depois de saber a lide da casa. Esta situação era, porém, bem mais rara que a anterior. O namoro e casamento destas deslocadas acabavam por ser mais complexos, já que dependiam de duas autorizações, nem sempre afinadas pelo mesmo diapasão.

Júlia era uma dessas mulheres, que ia ficando para tia. Mais por falta de pretendentes do que por vontade própria. Deus fora injusto com ela. Dotara-a de uma cara quadrada, de contornos retilíneos, como talhada numa rocha de lava. O buço, embora rapado com alguma frequência, faria inveja a alguns rapazes, como José, em idade de afirmação. Sob a camisola comprida, única peça de roupa exterior que usava nesse dia, dois volumosos seios empurravam o pano, moldando, avantajadamente, o tecido. As pernas denunciavam também a falta de inspiração do Criador, talvez por ter abençoado a sua conceção num oitavo dia. Grossas, entortando para fora de meio para baixo, com barrigas salientes. E cobertas de pelos, negros, abundantes e viçosos. Agora que ela se sentara no sofá, José via-os até bem acima dos joelhos. Não se podia dizer que fosse uma mulher gorda, mas cheiinha. Descontados os defeitos físicos, era até simpática. Lá isso era.

- José vem sentar-te comigo. Anda, vem lá.
- Tenho frio.
- Chega para cá rapaz. Assim com o meu braço por cima de ti ficas mais quentinho. Olha, tira lá as mãos de cima da coisa. Ainda estás com vergonha?
  - ... Não.
- Eu sei que estás. Mas já és crescido, não devias ter. Até já tens muitos pêlos. És quase um homem.
  - Eu sei.
  - E ele já fica duro?
  - Às vezes.
  - Já faz baba?
  - Sim.
  - Deixa ver...

Aquilo começava a agradar a José, sem ainda saber bem porquê. Era como um instinto, que ia despertando com a idade e com as conversas entre colegas

da escola, quando descansavam das brincadeiras e, sentados num degrau ou num muro, falavam de coisas de adultos. "- Ela queria que eu lhe mijasse na cona, mas eu disse que não. Ainda sou muito novo para ter filhos.". Gabavamse do que não faziam, em pura imaginação. Contavam, deturpando, o que ouviam os pais fazer, os ruídos da noite. Juntavam pedaços de tudo, sobretudo do que diziam os homens, nas conversas de taberna, tentando compor um puzzle sempre inacabado e de que desconheciam o número de peças. "- Já arregaças?"

- Muito bem. Já arregaça. E está a ficar duro. Eu não disse? Estás mesmo um homenzinho.
  - Sou.
  - Eh, lá, está a ficar com baba... Posso dar-lhe um beijinho?
  - Podes...

Há dias em que se aprende tudo de repente. Era esse o de José. Júlia sabia muito mais do que aparentava a sua natural candura. Talvez aprendido pela calada da noite, depois do tio se entregar nos braços de Morfeu. À esquina do portão, ao fundo do quintal, entre os pés de milho, ou ainda na loja debaixo da casa, numa pequena enxerga que há uns anos atrás servira um caseiro que morrera de velhice. Com algum namorado de ocasião, desprendido da beleza física, embriagado, entontecido pelo desejo ou simplesmente iludido pelo luar dos dias mais cinzentos...

- Já viste uma coisa de mulher?
- Vi a de uma miúda amiga, mas ainda tinha poucos pêlos.
- Queres ver a minha?
- Mostras?
- Vê lá... Gostas?
- Sim.
- Põe lá a mão...

A mão de José emaranhou-se numa teia de pêlos que se perdiam de vista, bem próximos de uma espécie de jardim abandonado. Enquanto o abraçava, beijando-lhes os cabelos, ela conduzi-o, levando-lhe os dedos por um percurso desconhecido.

- Está molhada... Fizeste xixi?
- Ai, que ainda não sabes nada mesmo. Eu vou dizer-te...

E explicou. Até onde, naturalmente, o rapaz podia ir. Júlia valeu mais que todos os trocados que o tio pudesse ter dado a José, em todas as visitas que lhe fez. Era uma lição de vida, completa e sentida, precocemente.

Mas ele gostou. Sobretudo porque aprendera em meia tarde a compor o puzzle. Agora sabia mais do que os outros. Sabia mesmo tudo. E quando viessem com aquelas conversas ele podia gabar-se. Júlia adivinhou-lhe os pensamentos.

- José! Tu não podes dizer a ninguém o que se passou entre nós. Não é por nada, mas as pessoas não entendem estas coisas. E depois eu sou uma mulher e tu ainda és muito novo. As pessoas iam dizer mal de mim. Compreendes?
  - Sim.
  - E prometes não dizer nada, nem aos teus amigos?
  - Prometo.
  - Juras?
  - Juro.
- Combinado. Se te portares bem, sempre que vieres aqui pode-mos fazer outra vez. Queres?
  - Quero.
- Agora vou buscar a tua roupa e vais embora antes que o tio chegue. Não te importas de não levar uma prenda dele?
  - Não, agora não. Já levo uma prenda tua.
  - Ó rapaz parece que cresceste de repente. Quero-te ver mais vezes. Ouviste?

José veio embora, com a roupa seca e a alma a transbordar. Pelo caminho ia pensando na jura que fizera. Não a ia quebrar, isso era questão de honra de quem crescera em poucas horas.

Mas as conversas com os amigos iam parecer estranhas, sem sentido. Que

remédio. Teria de evitar falar dessas coisas ou calar-se se eles as puxassem.

A trovoada passara há muito, mas a chuva voltou de novo, embora com menor intensidade, ainda nem meio do caminho havia percorrido. José nem se lembrou de abrir o guarda-chuva. A lancha da carreira para o Faial. A Espalamaca, nesse dia atracava em São Caetano. O mar do canal estava de péssimo humor, como diria Vitorino Nemésio. Normalmente, a viagem seria entre a Madalena e a Horta, mesmo com mau tempo. Mas, nalguns dias, a fúria do mar, superando a sua própria ira, interditava aquele porto.

José já fizera a viagem algumas vezes. Lembrava-se das peripécias de entrar e sair da lancha nos dias de mar mais mexido. A lancha a querer subir para o cais e sempre na iminência de rebentar os cabos e ir parar no varadouro. As pessoas a voarem, para fora ou para dentro, agarradas pelos tripulantes. As vagas que entravam quase paralelamente ao molhe de acostagem pareciam querer aniquilar a embarcação.

Nesse dia, a hora que separava a Madalena da Horta seria acrescentada em muito, dependendo da vagaria. Ainda mal a Espalamaca tinha passado São Mateus e já o chão da lancha começara a cobrir-se de vómito. Com tudo fechado, com um arejamento deficiente, com o balanço permanente, nem o marinheiro mais experiente resistia. Nem acertar nas vomitadeiras era possível.

José sentia-se mal. Um mal-estar crescente que não sabia explicar. Apenas tinha a certeza de que ia morrer por ali, sem chegar ao Faial. A mãe dizia-lhe para olhar para longe. Como se fosse possível olhar para longe com a lancha coberta de água... Isso sabia ele muito bem, que já tinha saído três vezes para a pesca. Mas era diferente. Estava ao ar livre e ninguém vomitava à volta. A própria mãe tinha já o vestido encharcado de vómito. As outras mulheres gemiam e rezavam. Uma velha, sentada mesmo à entrada para a casa das máquinas, gritava:

- Ai, Jesus, que vamos morrer todos!
- Tenha calma, tia Maria, que vamos chegar sãos e salvos. Tentou acalmála, um homem vindo da cabina de pilotagem.
- Se Deus quiser, se Deus quiser... Respondeu outra, prostrada sobre o peito do marido.

Era um dos tripulantes que viera ver o estado das coisas. Mas constatando

que ainda estavam todos vivos, pisgou-se de novo para a ponte, que seria mau exemplo pôr-se para ali a vomitar na frente dos passageiros. Os poucos homens que viajavam na lancha tentavam dar parte de fortes. Mas não resistiram muito tempo.

Por alturas da Criação Velha já haviam sucumbido. José seguira o exemplo do primeiro. De repente. Parecia que até o bonito que comera ao jantar do dia anterior saltara cá para fora, com espinhas e tudo. Sentia a garganta arranhada, o estômago como um fole de ferreiro. A cabeça zonza e o corpo desengonçado. Aos poucos ia-se sentindo mais leve, chegando mesmo a pensar que o martírio acabara. Engano total. O enjoo continuou. O vómito escorria agora de um lado para o outro do barco, encharcando os sapatos. O calor era insuportável. O cheiro nauseabundo.

Depois de toda a gente ter pensado que aquele purgatório teria demorara já o suficiente para a descida ao inferno, surgiu a ponta da doca da Horta. Ao cabo de quatro horas de viagem. O mar acalmou como por milagre. A antecipação do desembarque parecia ter dado um novo ânimo. Estava já ali terra firme. Quase todos tiveram de ser ajudados a saltar para o cais. Amarelecidos, tresandando a vómito, sem forças. "- Mas vivos, graças a Deus!" - Balbuciou a velha que vinha sentada junto à entrada para a casa das máquinas.

José chegara. Mais morto que vivo, mas chegara ao seu novo destino. A Horta, para o Liceu. Era essa a razão de tão atribulada viagem. O pai já lá estava, tratando de compor um pequeno estabelecimento de comidas e mercearia. A casa nova era diferente. Um pequeno palácio pensou José.

- Mãe, até tem banheira.
- E fogão a gás. E esquentador...
- Põe o Aviador fora da caixa.
- Coitadinho. Quase não se aguenta nas patas.

Tempos de mudança, de adaptação. A uma nova ilha, a novos amigos. O Pico estava ali mesmo em frente, sempre presente, reclamando pelo regresso. À noite, do alto da Espalamaca, o seu recorte escuro parecia mais uma súplica. Mas a vida era assim. Só havia Liceu nas capitais de distrito. Horta, Angra do Heroísmo e Ponta Delgada.

E também havia mar no Faial. Não era igual ao do Pico, mas era mar. Havia lapas e polvos e muita imaginação. Um lapeiro de chumbo, moldado em areia, um pequeno saco de serapilheira, com um cinto de plástico para fixar na cintura. Um bucheiro de metal, que prendia no cinto, junto da perna, de uns cinquenta centímetros, tendo numa das pontas um anzol grande, soldado pelo senhor Milhomens, e na outra um cabo de náilon, de um metro, para evitar aproximações indesejáveis de algum polvo maior ou mais radical.

Era um modo de ganhar uns trocos, sobretudo no verão. Lapas e polvos, mais lapas que polvos, claro. Enquanto outros estavam na praia, refastelados, José batia a Espalamaca, durante uma ou duas horas. O Senhor Cardoso contava com o produto. Contava e não contava, porque sabia que só uma ou duas vezes por semana teria abastecimento e sem dia certo. Mas comprava sempre, mesmo que tivesse já lapas e os polvos à vista, de outra proveniência.

Em certas alturas, a apanha de musgão em Porto Pim era uma alternativa e complemento. Enchia-se facilmente umas duas sacas grandes de serapilheira, que dariam uns razoáveis escudos. O pior eram as moreias que poderiam estar escondidas nas rochas. Havia quem tivesse ficado com um dedo descascado, mas José tinha alguma sorte, talvez até mesmo um pacto com o mar, que descontava a sua juventude e temeridade.

O vício do mar. Bem podia ter aprendido a velejar nos Lusitos. Se obrigatoriamente inscrito na Mocidade Portuguesa e frequentador dos acampamentos, também podia navegar nas embarcações do Liceu. Mas não, tinha de arranjar uma chata, a meias com o Filipe, e transformá-la em barco à vela, esta feita em casa, na máquina de costura da mãe.

Tão artesanal que o Capitão do Porto, de braços cruzados e olhar incrédulo, observava José a aparelhar aquela engenhoca. Içava a vela e o estai, por um processo pouco ortodoxo de olhais, num mastro de pinho descascado, voltava a

chata de lado para fixar o patilhão de metal na quilha, com dois parafusos de orelhas, empurrava-a para o mar até haver profundidade suficiente para endireitar aquela coisa e poder saltar para o interior, rumando ao meio da doca. Aquilo devia fazer tilintar na cabeça do homem da Marinha, puxando da sua sabedoria náutica, a vontade de apreender aquela aberração e mandar o rapaz para casa.

Mas não, nem dizia nada, apenas olhava embasbacado. "- Coitado! É maluco, mas tem tanta vontade e engenho que não tenho coragem." - Devia concluir. Mas a verdade é que o raio da chata navegava. Mal, mas ia até à praia da Alagoa e voltava.

Até os Lusitos gozavam com a tartaruga. Também como podia navegar mais depressa se, mesmo após uma semana de calafetagem, continuava a meter água e a solução de recurso tinha sido a de encharcá-la de alcatrão... Se já era pesada, mais pesada ficou, mas navegava, isso ninguém podia negar. Nem o Capitão do Porto.

- Ó rapaz, tu tens tempo para estudar?
- Porque é que pergunta, pai?
- Estás metido em tantas coisas. Andas no jornal, tens o coro da Igreja, tocas na Filarmónica... Para já não falar nas lapas e no barco. Ah, já me ia esquecendo, e agora a namorada. Quando é que estudas?
  - E ainda ajudo no restaurante. Mas não tenho tido boas notas?
  - Podiam ser melhores.
  - É verdade, mas desde que dê para passar, já não é mau.
  - Mas devias pensar nisso. Se quiseres ir estudar para Lisboa...

Lapas, polvos e caranguejos eram obrigatórios em qualquer festa no Pico e no resto dos Açores. Além do vinho, tinto e branco, da cachaça e do anis, a cerveja fresca, mantida à temperatura em celhas de madeira com gelo. Claro que também havia bebidas não alcoólicas, mas quase reservadas a mulheres e crianças, que isto de homem tem o seu estatuto próprio e não há que fazer confusões. Bom, algumas mulheres também eram amigas da pinga e chegavam mesmo a rivalizar com o homem da casa, mas isso era raro.

- José, aproxima-se a festa de São Mateus.
- Que festa?
- A do Bom Jesus, pá. Estava a pensar que podíamos apanhar umas lapas e, quem sabe, alguns polvos...
- Para vender? És doido, os profissionais já devem ter aprazado com as tascas todas.
- Tenho um tipo da Criação Velha apalavrado, que nos compra tudo o que apanharmos.
- Sendo assim, dá que pensar... E vamos para aonde? Convinha que fosse o mais perto possível de São Mateus, para não termos de andar muito com os sacos carregados e o equipamento.
- Não te preocupes, conheço um lugar porreiro, vais ver. Vamos pela estrada do alambique, depois por uns carreiros... É perto da Vigia.
  - Combinado.

No Sábado, partiram para o Pico. José ficou em casa da madrinha e Fernando na dos pais. No domingo, bem cedo, lá partiram para a aventura. Cada um com um saco de serapilheira grande às costas, que haviam contido feijão ou farinha. Dentro dos sacos, óculos, barbatanas, lapeiros, bucheiros e os sacos pequenos de atar à cintura para colocar as lapas durante o mergulho de apneia. Dentro do de Fernando um terceiro saco grande. Eram do tamanho da sua ambição. Destinando-se os sacos grandes, dois a lapas e o outro a polvos. Era tudo o que levavam, além de uma bucha, que se limitava a uma sandes de peixe frito e torresmo e a uma garrafa de água.

- Porra, a água está fria...
- Mas o mar está calmo. Tivemos sorte.
- Calmo? Acho que está um bocado mexido.
- Talvez um pouco, mas desde que não fiquemos muito perto das rochas, não há azar.
  - Vamos a isto. Espera! Não é melhor fazermos uma promessa?
  - Acho bem. Quanto é que vamos dar ao Santo?
  - Um quinto?
  - Certo. Fica prometido.

Começou a valsa. Sim, porque apanhar lapas de mergulho é uma espécie de valsa com o mar. Um, dois, três. Um, para dentro, com a vaga. Dois, virando o corpo, dobrado, para fora, com o refluxo. Três, para baixo e para cima, os segundos contados para expulsar a água pelo tubo de respiração e receber o ar que se esgotara dos pulmões. Pelo caminho, sob a água, lapas, lapas..., que iam saltando da ponta do lapeiro de chumbo, apanhadas pela mão esquerda, e enchendo o saco, fazendo pesar cada vez mais o corpo, a cada compasso. Uma dança quase mágica, de contorcionismo, roçando a ponta das rochas submersas. Marcas de um amor, mais de paixão, como ato de teste aos limites. Do racional, do físico, quase inconsciente, mas inebriante. A vinda a terra para despejar as lapas apanhadas, era também como um ritual, nesse dia acelerado pelo desejo dos dois jovens em superarem-se, não particularmente pelos trocos que podiam ganhar, mas talvez mais como uma afirmação pessoal, entre eles e perante todos.

- Fernando!
- Que foi?
- Acho que vi um buraco de polvo. Fica atento, porque posso precisar de ajuda.
  - Está bem.

Não é nenhuma ciência. Mas há sinais que se aprendem para detetar a possível existência de um polvo. Depois, é meter o bucheiro pelo buraco,

sentindo se emperra na rocha ou em algo macio e, neste caso, é virar a barba do anzol, cravá-lo e desalojar alguma coisa do buraco. Nem sempre é um polvo, pode calhar uma estrela ou caralho do mar. E mesmo que seja, nem sempre vem assim. É preciso pressioná-lo, obrigando-o a sair da toca. E quando sai deste modo, há frações de segundo para o engatar, porque o mais certo é fugir, expulsando a tinta negra em frente dos olhos do caçador, deixando-o na completa escuridão. Mas naquele buraco, não só havia polvo como foi possível apanhá-lo mesmo à saída, antes que pudesse fazer das suas.

- Já está!
- Cuidado, afasta-te dele. Não o leves à frente. Reboca-o, com ele de lado.
- Eu sei, pá!

Era um senhor polvo, que o José apanhara. Fernando avisara-o do perigo que ele corria naquele momento. Um polvo daquelas dimensões, se se ferrasse a uma perna ou a um braço, poderia provocar uma situação complicada. Contavam-se histórias de caçadores que tinham morrido assim, afogados. Porque o polvo lhes tolhia os movimentos. E mesmo que isso não acontecesse, só a marca das ventosas no corpo eram razão suficiente para o manter a uma prudente distância. Mas José chegou a terra, são e salvo e o polvo foi metido no saco, até aí, ainda vazio.

- Quanto achas que pesa?
- Pelo menos cinco quilos. Vai render uns cobres.
- Viras o capucho?
- Eu? vira tu!
- Está bem. Segura no bicho.
- Já está. Se apanhássemos mais dois ou três...
- Olha que isto já não está mau. Também já temos uns bons quilos de lapas.
- Mais uma hora?
- Sim, até ao meio-dia. E depois vamos embora com o que houver.

E apanharam mais lapas e mais quatro polvos, agora menores, dois deles mesmo pequenos, daqueles que se apanham à mão, sem perigo. Em menos de três horas, os sacos de serapilheira estavam meio cheios. Agora a questão era como transportar todo aquele peso até São Mateus. Mas lá se puseram a caminho, depois de um breve descanso e de retemperadas as forças com as sandes e a água. Cada um leva um saco de lapas e o respetivo equipamento, revezando-se no saco dos polvos.

- Sabes, já conhecia aquele lugar. Estive ali, há alguns anos, com o meu pai, a apanhar polvos e moreias por terra.
  - Nunca experimentei. Como é?
- Os polvos apanham-se com um bucheiro comprido de cana-da-índia, sendo o anzol preso com arame. O engodo é um pano ou peixe branco, amarrado a outra cana. Quando ele se acaçapa sobre o engodo é só cravá-lo. Mas é um trabalho de paciência.
  - Dever ser mesmo. Não sei se teria pachorra. E as moreias?
- Usa-se o polvo como engodo e isco. Quando aparecem, pes-cam-se com o anzol preso a um arame. No dia em que fui com o meu pai ele estava a engodar e a olhar para mim. De repente ouviu-o dar um grito e tirar a mão dentro de água. Trazia um moreão agarrado a um dedo.
  - Porra, isso deve doer.
- Acho que sim. Ficou com dois cortes, mas nada de grave. Conheces o Vieira?
  - Sim, claro.
- Esse é que tem uma técnica esquisita para apanhar moreias. De laço. Uma vez fui com ele e só vendo para acreditar.
  - Como é isso?
- Arranja-se um bom local, tipo pequena baía, engoda-se, também com polvo. Arranja-se uma cana, furada no interior, prende-se um cabo de náilon grosso à extremidade que fica na mão, enfia-se e volta-se a meter para cima, de modo a ficar um laço na outra ponta da cana.
  - E como é que isso funciona?
- Um gajo agarra a cana com uma mão e com a outra a ponta do cabo. Coloca o laço à entrada da baía e quando a moreia entra puxa o cabo, segurando-a.
  - E ela não escorrega?
  - Às vezes sim, mas se se apertar com força, não há problema. O giro é a

parte seguinte.

- Qual é?
- A moreia tem de ser colocada sobre uma rocha, para que o outro gajo, porque têm de ser, pelo menos, dois, lhe dê uma paulada no umbigo, para ela ficar sem força.
  - Então também têm de levar um pau?
- Exato. Não entendi porquê. Acho que bastava metê-las dentro do saco e fechá-lo, mas o gajo gosta de malhar nos bichos.
- Sei como ele é. Isso é mesmo dele. Tem de ser diferente em tudo, o raio do homem. E apanharam muitas?
- Acho que umas catorze ou quinze, não me lembro bem. Entre moreias e moreões.
  - E foram fritá-las a seguir. Isso dá petisco para muita gente.
- Não faço ideia do que é que ele lhes fez. Eu trouxe apenas duas, que a minha mãe arranjou. Foi o almoço lá em casa.
  - Já apanhaste caranguejos?
  - Não, as tenazes fazem-me impressão. Só se fosse com uma luva.
  - Eu já, de fisgote. Também é divertido.
- O meu pai é que era especialista nisso. Uma vez, com os amigos apanharam uns três sacos que puseram lá em casa. Acho que era para uma festa qualquer. Durante a noite, acordei com ele aos gritos e a chamar pela minha mãe...
  - O que tinha acontecido?
- Um dos sacos rompeu-se e havia caranguejos pela casa toda. Acho que levaram mais tempo a recuperá-los do que para os apanhar.
  - Essa teve piada. Mas já estou a ficar cansado. Nunca mais chegamos...

Exaustos, chegaram, finalmente, à tasca do homem da Criação Velha, o senhor Horácio, eram quase duas horas da tarde. Os dois sacos de lapas pesavam cinquenta e seis quilos. Mais os polvos, era uma pequena fortuna. Se o preço foi ou não justo, a verdade é que era muito dinheiro para quem ainda só recebia uns trocados dos pais, acrescentados sazonalmente, com a faina costeira, no caso de José.

- Já viste o dinheiro que temos?
- Acho nunca tive tanto dinheiro. O que é que vamos fazer?

- Sei lá. Para já almoçar.
- E a promessa?
- Temos mesmo de a pagar?
- Pois... Mas prometemos, não foi?
- Foi. É melhor pagar. Ainda vai restar muito.

Ladeando o coreto, subiram a escadaria de acesso à Igreja. Já algumas pessoas, sobretudo mulheres, davam a volta ao edifício da Igreja de joelhos, pagando promessas. As mais das vezes, pelo filho que tinha voltado são e salvo da guerra do Ultramar. José e Fernando entraram, sucumbindo ao peso do ambiente. Não porque nunca tivessem entrado na Igreja de São Mateus, mas porque aquele era um dia especial. De oração e prece, de ostentação, no sentido de que tudo parecia mais festivo, mas ao mesmo tempo também mais austero e intimidativo.

A Igreja engalanada de tapetes, panos e flores. Dezenas de pessoas a rezar, o mais perto possível da imagem do Bom Jesus, vestido com as suas melhores vestes. Na frente do andor, promessas, em círios e dinheiro. José e Fernando depositaram o quinto devido, ajoelharam, benzeram-se e retiraram-se. Paga a promessa, o almoço mais que tardava.

- Sabes porque é que a festa do Bom Jesus é melhor que a festa do Santo Cristo em S. Miguel?
  - Eles têm mais gente... Não, não sei.
- Porque pelo menos o nosso Santo é inteiro. O deles é só metade, um busto. Ah, ah, ah...
  - Essa é boa! Mas o que quero agora é almoçar. Estou cheio de fome.
  - Vamos comer lapas?
  - Pareces cécio. Um bom bife, isso sim.

E foram almoçar. Nada mais lhe interessava da festa do Bom Jesus de São Mateus. Nem a procissão do dia seguinte, com os tapetes de flores em toda a extensão do cortejo e a oferta de rosquilhas. Nem ouvir as filarmónicas, que vinham de todas as bandas da ilha e até da Terceira e do Faial.

Mas da ilha vizinha era a Filarmónica das Angústias, por isso José estava de folga e podia regressar ainda nesse dia à Horta. Fernando ficou, só voltando na segunda-feira.

O Liceu aproximava-se do fim. Do curso, bem entendido. Pelo caminho muitos ensinamentos, mais os da vida. Do mar e dos sentimentos, que o desejo despertara há muito.

Para quem estava prestes a ir para Lisboa, era confrangedor a ausência de consciência política. Na Horta, a Mocidade Portuguesa pouco inculcava a ideia de uma organização de preparação para apoio ao regime. Com exceção das canções, como "Lá vamos cantando e rindo..." e a chatice de ir uma vez por semana fardado com o cinto de Salazar. Ao que a malta ligava era ao divertimento, a parte lúdica, como os barcos à vela e os acampamentos.

De vez em quando chegavam ecos do Continente, saudações de "E.F.R.A." de alguma associação de estudantes, mas tudo isso passava ao lado, nem beliscando a realidade ingénua em que se vivia. Apesar de alguns poucos mais politizados, a generalidade mantinha uma santa ignorância sobre o País, confinada a uns pedregulhos surgidos no Atlântico, quem sabe se o cimo das montanhas da Atlântida de outrora.

Claro que havia alguma rebeldia. Mas frouxa, sem razões de fundo ou objetivos claros e muito menos políticos. Mesmo assim, fez-se uma greve. A maior parte não entendeu as verdadeiras razões, acreditando que era por causa das condições das casas de banho e das rachas nas paredes do novo edifício do Liceu. Mas foi um êxito. A esmagadora maioria dos alunos alinhou. Saíram em marcha para o Largo do Infante, com gritos de ordem. Avisada, a polícia estava à paisana a vigiar a manifestação. Delírios de um comandante do Continente, como se os guardas da Horta não fossem bem conhecidos, mesmo sem farda. A resposta impunha-se. A marcha foi até à Matriz, passando mesmo em frente do edifício da PSP. Mas nada aconteceu. E os devaneios políticos morreram na ponta da caneta de alguns mais ousados.

•••••

As aulas terminaram e afixadas as notas. O passaporte para Lisboa estava assegurado para alguns. Não era tradição, mas muitos faziam isso, para marcar o final de um ano e, neste caso do curso. Um grupo de rapazes foi até à ponta da doca, carregado de pastas com apontamentos. Entoando cantorias

improvisadas, lançaram as folhas de papel à água, uma ou outra moldada de barco ou de avião, até ficarem com as pastas vazias. José fez o mesmo, com os pensamentos diluídos no capacete do Pico.

Agora começava uma outra aventura, para além dos Açores. Mas não havia de ser como aqueles que nunca mais voltavam, que deixavam de querer saber da sua terra, do seu mar. Coisas que se dizem nas despedidas. Sinceras, é certo. Mas no calor antecipado da saudade.

A verdade era que, então, a maioria não voltava. "- Para fazer o quê?". Sim, que iam fazer nos Açores tantos licenciados e, nalguns casos, em áreas onde nem teriam trabalho? Depois as oportunidades... Como se fazia carreira? Nem uma Universidade havia.

Voltavam uns poucos para professores de Liceu e alguns outros cargos públicos. O resto ficava por Lisboa, Porto, Coimbra... obrigados a sair e a não poder voltar à sua própria terra.

A Alice cativava, como nenhuma outra mulher. E agora, que despachara a última namorada, atraia-o mais do que nunca. Até aí tinham-se limitado a trocar poemas. E era isso que tocava mais José. Gostava da sua sensibilidade, do modo de dizer as coisas, da doçura que punha nas palavras. Mas não passava disso mesmo. Até porque ela também havia tido os seus namorados e mal havia terminado com o último, um rapaz abastado, um bom partido. Porém, o poema que entregara a José, há poucos dias, parecia denunciar um grito de paixão incontido, que se refletia também numa maior aproximação, num pretexto para alongar as conversas.

José não esperava esta rápida aceitação, mas agradava-lhe a resposta. Talvez que os poemas que trocavam fossem mais que um mero exercício literário. Ou a ida de ambos para Lisboa perspetivasse algo de novo.

Também não havia nenhum mal num simples passeio. Era um passeio e pronto. Mas ver um rapaz e uma rapariga a passearem juntos em público significava, aos olhos de todos, um compromisso. Bem, ela tinha aceitado o convite e logo se via.

Jantou apressadamente, como se tivesse pressa de chegar ao local do encontro, uma distância que a Urbana percorria em pouco mais de dez minutos. Agora, o relógio parecia andar para trás. Eram oito da noite e os ponteiros teimavam em não avançar. Sentou-se na escrivaninha, esboçando um poema que lhe pudesse dedicar. Não, não podia ser de amor. Tinha de ser mais abrangente, talvez começando por "Amiga...". Amigos eram, mas ele queria mais. Tinha de ser qualquer coisa como uma amizade que conduzisse ao amor. Também não. Isso era aquilo que se dizia dos casamentos de conveniência. Mal por mal, o melhor era não levar poema nenhum.

- Esperaste muito?
- Não, cheguei há pouco.
- Estás a ver ali o professor?
- Sim, está com os olhos postos na varanda da Albertina.
- Não desiste, o velho baboso.
- O homem está todo porco, com aquele casacão seboso e o chapéu do século

passado...

- E cheira mal. Não se deve lavar. Uma amiga mais nova disse-me que outro dia a chamou ao quadro e que o homem cheirava a suor e mofo.
  - E sempre com aquele rádio em cima das pernas...
- Deve ser para matar o tempo, enquanto a Albertina não lhe liga. Bem pode esperar, coitado...

Era um professor do Continente, chegado há alguns meses. Apesar dos seus quase sessenta anos, apaixonara-se irremediavelmente por uma aluna, colega de Alice e José. Ela não tinha aulas com ele, mas o velho assim que a vira ficara embasbacado, com se fosse ter uma trombose. E nunca mais a largara. Todos os dias estava ali, prantado num banco do jardim, ouvindo rádio e apontando os fuzis para casa da Albertina. Ela era uma moça descontraída, pouco ligando ou se importando com os olhares embevecidos do professor. Vinha à varanda, falava com quem passava e ignorava por completo o seu apaixonado. Nem não, nem sim. Apenas indiferença.

- Onde queres ir?
- Pela avenida?
- Ótimo. Vamos.

A avenida ladeava a doca por terra, terminando na praia da Alagoa. Era sempre um passeio agradável, mas à noite ganhava um fascínio especial. Ao percorrê-la, ia-se ganhando uma luminosidade cada vez mais íntima, sobretudo nos dias com pouco luar. Entre a avenida e uma estrada paralela junto dos prédios mais próximos, uma faixa ajardinada, de relva e arbustos, com bancos espaçados, que terminava junto das traseiras do edifício da Polícia de Segurança Pública.

Depois, a estrada paralela continuava, já sem ajardinamento, até quase ao fim da avenida. A casa de má fama estava de porta aberta, como todas as noites. O Miramar era o único local onde as mulheres estavam à disposição dos homens, mais ou menos explicitamente. Mas eram, na maioria dos casos, uma espécie de reformadas sem direito a pensão, exercendo ainda por vício ou necessidade. Talvez resistentes da Rua Velha, depois de ser proibida a

prostituição.

José e Alice percorreram toda a avenida, acolhendo-se numa reentrância, em semicírculo junto à praia da Alagoa. A luz aí era ainda mais ténue. Nas costas, o estádio do Fayal Sport Clube, às escuras. Em frente, o branco da espuma do mar, lambendo a praia despida de areia, e entrando pela boca da ribeira. Mal se avistavam as luzes do Pico, desvanecidas pelo nevoeiro. Do lado esquerdo, a Espalamaca, que não passava de uma sombra recortada na noite. No alto, desfocado, o monumento erigido pela paróquia da Conceição. As luzes da doca, distantes e coadas pela humidade, pintalgavam de amarelos-torrados e descontínuos um céu de chumbo.

- Tens frio?
- Um pouco.
- Chega-te para mim. Estás melhor assim?
- Sim. Estou.

Abraçados, veio o primeiro beijo e outros, de muitos que se seguiram. E as carícias. Os corpos colaram-se, roçando-se, despertando emoções, acicatando o desejo. Tocaram-se, sentindo-se, explorando um prelúdio cada vez mais intenso, sem retorno... Um navio apitou na doca. Um som agudo, depois mais rouco, entre o cumprimento e a despedida.

Diário dos Açores (2001) Vou de encontro às minhas raízes. Já sobre o Atlântico, que tantas vezes me fez sonhar, entro numa contagem decrescente que me levará a pisar o solo da Horta, após mais de 23 anos de ausência dos Açores.

Tento racionalizar os meus pensamentos, entender o impulso que me fez abrir o bloco de notas e escrever, mas sinto apenas um vazio. Uma certa angústia, é certo, mas sobretudo os pensamentos a esvaírem-se com os estalidos dos ouvidos, provocados pela altitude.

Vou a caminho. Será um regresso? Um encontro com o passado? Uma ajuste de contas comigo mesmo? Não sei responder a nada, não tenho ideia nenhuma. Apenas a vontade de escrever, talvez para matar o tempo, estupidamente perdido neste incómodo assento do avião.

Vamos a metade do percurso e continuo sem saber o que escrever. Também nem um whisky para dar uma ajuda... É caso para dizer que me sinto mesmo nas nuvens, amarrado a uma cadeira de avião, a caminho dos Açores.

.....

À medida que me aproximo, começam a surgir algumas recordações, boas e más. Mas a memória foi filtrada pelo tempo, encarregando-se de soterrar as menos boas, purificando-as como o mar faz com a areia. Aquelas ondas da praia da Alagoa, que me envolveram tantas vezes num abraço violento, mas leal, ajudando a fazer-me homem.

Até agora ainda não encontrei ninguém conhecido no avião. Olho para algumas caras, como se me fizessem lembrar alguém, mas não reconheço essas pessoas, nem elas a mim. Será que no aeroporto encontro algum antigo colega de Liceu? "– Olá, pá! Ao cabo de tantos anos...". Será que ainda se lembram de mim? E eu deles?

Sei que muitas coisas estão mudadas. As pessoas também, que o tempo não perdoa. É inexorável, o maldito tempo. Mas tanto que já não saiba quem são? Talvez não, há sempre traços, os olhos, o sorriso longínquo. Mas os nomes... Pois, os nomes vai ser mais difícil. Logo se vê...

......

A trepidação das ilhas. Começou agora, como manifestando a inquietude de ser ilhéu, se bem me lembro e ainda me reconheço. É um pouco como o mar, revolto, mas afável, rude, por vezes, mas também acolhedor. Reservado e reativo, tolerante e rebelde, pronto para se afirmar. Pelo menos era assim no meu tempo e não me consta que tenha sido domesticado. É assim porque assim deve ser, amigo, companheiro, mas mantendo as distâncias.

Começou a descida. Vamos dos 10.800 metros para quase 200 de altitude. E eu dos 48 para o período em que frequentei o Liceu da Horta, só cá vindo umas três ou quatro vezes, por espaços curtos, quase apagados da memória, a última há mais de 23 anos. Imagino os amigos de então, as conversas, os convívios. Será que alguns ainda estão na ponte da Conceição, à minha espera?

A Ilha do Faial vai aparecer na janela a qualquer momento... Esta é S. Jorge... Olha o Pico! Tudo verde, como as leiras que apanhava para fazer o presépio. É essa a imagem do ar. Um presépio gigante, ainda sem vida. A trepidação, a trepidação das ilhas, a anunciar a aproximação ao aeroporto. As pastagens, o recorte das escarpas, a espuma beijando as rochas, o mar lambendo a lava. A pista a correr velozmente para o fim, suficiente, sem desperdícios nem roubos desnecessários à natureza. Calor. Amolecido pelos aguaceiros que lavaram a pista e o estacionamento, quase me fazendo lembrar um clima tropical, o de Macau.

.....

Cheguei. Parece tudo quase igual ao que deixei. Pelo caminho também. Mais casas novas, as mesmas casas velhas. Ah, o novo hipermercado, a marina, o novo quarteirão entre o Faial Sport e a igreja da Conceição. A casa, a minha casa. Não a de origem, que essa ficava no Pico, mas a da Horta, a do Liceu. A subida íngreme de umas escadas fora das normas. A casa, a casa onde comecei a pensar, a escrever, nesta mesma escrivaninha.

Tudo me parecia então grande e quase belo, agora velho e inutilmente sem função. Mas tem ainda, para a minha mãe, simplesmente porque são as coisas dela, a que está habituada. A mim, até as portas parecem estreitas, os quartos minúsculos, mas fui eu que mudei, não a casa. As coisas permanecem imutáveis, mais velhas é certo, mais usadas, estragadas, mas as mesmas que enquadraram parte da minha vida e me serviram durante mais de sete anos. Fica-me esta primeira sensação. Quase nada mudou, apenas eu, que vejo agora as coisas de maneira diferente, nem com saudades nem com desgosto, apenas de forma objetiva. Provavelmente já não conseguiria viver nesta casa, mas sinto-me bem nela, como embalado por recordações ainda vivas, mas que pertencem ao passado, ao meu passado já distante.

À noite, percorri as ruas da cidade, da Conceição ao Largo do Infante. Tudo igual, não fora as obras de recuperação do último terramoto e o que está reconstruído ficou bem, mantendo a traça, a imagem de marca. Mais uns restaurantes, comércio, mas de resto tudo lá está, no seu devido lugar, como eu queria que estivesse, para que as minhas memórias não fossem em vão. Para que as recordações fossem exatamente as que queria recordar. O Teatro Faialense, infelizmente ainda fechado, o coreto da Praça da República, onde tantas vezes toquei com a Artista Faialense, os Bombeiros, o Mercado, a Polícia, a Matriz, a Câmara, O Telégrafo, onde trabalhei num Verão como revisor e proto jornalista, a tabacaria dos livros, o café dos pequenos-almoços, o Liceu. Nem um centímetro se afastaram do lugar, onde sempre estiveram. E era isso que eu queria ver e sentir.

Dizem que vai haver música na Praça do Infante, apesar dos aguaceiros que ameaçam. Lá estão os músicos da filarmónica, espalhados, alguns nos bancos do jardim, com as mulheres ou namoradas. Pois, gostava de ouvir, mas não é a Artista Faialense, é outra. Ainda se fosse... Matava saudades dos tempos em que, com aquela farda azul escura de botões polidos e sapatilhas brancas, andava pelos coretos e estrados improvisados a abrilhantar festas. Quase sinto nos lábios e nos dedos o clarinete novinho em folha – um dos instrumentos oferecidos pela Gulbenkian, através do Tomás Alberto e de José Pereira da Costa.

Recordo os momentos em que perdi a noção da realidade, deixando-me contagiar, conduzir, pelo som da filarmónica, como se estivesse num mundo irreal, o meu mundo. Era quando a pauta deixava de ser necessária. A música surgia de dentro, provocando arrepios, transcendendo. A música era como que o sopro de cada alma, que o maestro refreava para manter a harmonia. E o toque da alvorada, em cada dia 1 de Dezembro, em que não se dormia... Às cinco da manhã lá íamos tocando o hino da restauração (Ó ti Zé das barbas brancas...), colando umas campainhas nos intervalos, como que para despertar os de sono mais pesado. Era assim, nesses bons tempos, de vivências despreocupadas, de poucas apostas no futuro, apenas vivendo o dia-a-dia, contando com as coisas nos seus lugares.

Mas nem sempre é assim. A maldita atividade sísmica, de vez em quando, resolve despertar, revolver a terra e fazer as coisas caminharem mais depressa para o seu fim. Obras, obras por quase todo o lado. Recuperando, reconstruindo, devagar. Demasiado devagar para reconstruir a memória, as minhas memórias. Raramente adulteradas, mas são as concessões ao progresso, à funcionalidade. Não é isso que está mal, os meus olhos é que ainda vêm o passado...

Visitei a campa do meu pai. Pensava poder comprar flores perto do cemitério, como em Lisboa, mas não. A minha mãe, precavida, trouxe um ramo artificial de casa. Foram essas que lá coloquei, na campa do meu pai. "À memória de..., da sua mulher e filhos." Não sabia. Não sabia que deixara de ser filho único. E não deixei, ao que parece. Enganaram-se, acho. Que eu saiba, e pelos vistos a minha mãe, que mandou fazer a lápide, o meu pai só teve este filho, eu. Se outro teve, não me importaria de os conhecer, mas não, é mesmo engano.

A fotografia do meu pai, ainda com alguma juventude. É a de um homem bonito, sensível, o pai que eu tive. Quase não conversei com ele, mas não me senti desiludido. A verdade é que não gosto de conversar com campas, nem com fotografias. Prefiro fechar os olhos e sentir que ele me escuta, que ouve os meus pensamentos. Converso com meu pai como o faço agora, escrevendo. Sentindo que esta energia que somos passa para além do físico, viaja para além da imaginação, transportando-nos para uma dimensão dos sentidos.

É assim que gosto de conversar com ele, o meu pai. Tal como ele conversou comigo, no momento da sua morte. Não sei o que queria dizer-me nos poucos segundos em que pode voltar a sua energia para mim. Eu não entendi logo, senti-me mal disposto apenas, sem razão aparente. Mas daí a pouco veio a confirmação. O meu pai lembrou-se de mim na hora da sua morte.

A Artista Faialense. Agora instalada junto à igreja da Conceição. Bem diferente do barração nas imediações da Torre do Relógio. Foi lá que aprendi a gostar de música e a entendê-la. Já ninguém conhecido, mas o mesmo espírito de outros tempos. Um jovem, ensaiando tuba, prontificou-se a mostrar-me as instalações. E depois lá veio o vice-presidente reavivar as memórias com fotografias e nomes. Acho que me encontrei numa delas. Devia ser, de clarinete na mão, em pose, no meio de caras conhecidas. Imperdoável não recordar nomes, mas que se podia esperara ao fim de tanto tempo...

Imaginam o que é estar a falar animadamente (pelo menos tentando...) com quatro pessoas, como se fossem velhos conhecidos, sem nos lembrarmos rigorosamente de quem são? É quase patético, constrangedor. A todo o momento sentimos que nos vão topar, entender que estamos fingindo, como um actor que não sabe o papel, metendo buchas nas deixas dos outros. Nem caras, nem nomes, nem nada.

Mas eles sabiam quem eu era, chamaram-me ao longe, pelo nome. Eu fui, abrindo um sorriso largo, dispensando beijos e abraços. Que vergonha! Mas não me descosi. Não podia. Ficaram ofendidos, pensei. Não sei se se aperceberam, mas a conversa foi fluida, infletindo, por vezes, por imposição minha, não fosse o diabo tecê-las. Virei o jogo para o meu terreno, onde sabia que não haveria lugar a fífias. Sim, porque um deles fora meu colega na filarmónica. Até sabiam que tinha andado por terras do Oriente, imaginem. Coisas da minha mãe, claro. Falou-se de África, a propósito do tempo e da proximidade de um tufão. Fiquei a saber que não sabiam onde ficava Macau, nem isso interessava também. Admirou-me mais haver tufões por aqui. Julguei que lhe chamavam furacões, mas a globalização tem destas coisas.

Lá nos despedimos, como velhos companheiros. E lá veio outro. Esse sim, lembrava-me bem. Do rosto, do corpo avantajado, apesar da diferença de idades. Agora foi ao contrário, o que me causou algum sossego, uma sensação de empate técnico. Bastante mais velho, o antigo colega foi relembrando. Falámos do passado, recordando momentos, pessoas, até o nome do outro com quem acabara de conversar, forçado por mim, num surto momentâneo de falha de memória.

Não seria o único momento de constrangimento que se me iria deparar. Nesse mesmo dia, outras pessoas iriam fazer-me pensar que a minha memória estava a necessitar urgentemente de uma dose maciça de fármacos de atuação rápida. Mas afinal, não estava tão mal assim. – Se te visse sozinho não te reconhecia, mudaste de feições e estás mais gordo! - Claro, se não estivesse com a minha mãe sabiam lá quem eu era. Nem eu sabia quem elas eram também, claro. Agora essa do mais gordo... "- Um pouco mais de barriguinha." - Ia dizendo.

Dei a volta ao Faial, num carro emprestado por uma amiga da minha mãe. Até aqui nada de especial, a não ser a simpatia dela e do marido, gente sã, como devia ser toda a gente. A novidade é que foi a primeira vez que percorri o perímetro da ilha de seguida. Tal como só dei a volta do Pico nas mesmas circunstâncias, muito anos depois dali ter saído.

Relembrei nomes curiosos, como os Espalhafatos, revisitei locais de sempre como os Capelinhos, impressionando-me ainda com a paisagem e o farol, quase intacto, ao lado de ruínas de casas quase completamente soterradas, e o Porto Pim, em dia impróprio para conviver com o mar, no segundo dia daquelas fúrias que lhe dá, vá-se lá saber porquê. Os respingos desfocaram a objetiva da câmara de vídeo por completo, que mesmo assim registou aquele rugido, não de fera ferida nem da agonia das baleias outrora lancetadas, mas de inquietude. É isso. Nem raiva nem fúria, inquietude. É assim o mar dos Açores, o meu mar. Até hoje nunca pensei porque ficava assim, mas agora penso que padece do mesmo mal que os açorianos. Nós sentimo-nos rodeados de mar, ele sente as ilhas dentro de si. Acho que ralha com elas, não porque não as sinta como filhas, mas apenas para se fazer lembrado. Talvez mais até para o contemplarem, como eu e muita gente fazia hoje. São rebates de melancolia, de quem só não é esquecido se não fizer sentir a sua presença, do modo que o pode fazer. Lambuzando as rochas, respingando para as estradas, gritando: "- Sou eu, estou aqui!".

É assim o mar dos Açores, o meu mar. O amigo com quem bailava, uma espécie de valsa. Um, dois, três. Um, para dentro, com a vaga. Dois, virando o corpo, dobrado. Três, para fora, com o refluxo. Pelo caminho, lapas, lapas, que iam saltando da ponta do lapeiro de chumbo e que iam enchendo o saco pendurado da cintura e fazendo pesar o corpo, cada vez mais. Era uma dança quase mágica, de contorcionismo, roçando a ponta das rochas submersas. Marcas de um amor, mais de paixão, mais de compulsividade, como ato de teste aos limites. Do racional, do físico, mas inebriante, quase inconsciente, numa masturbação de orgasmos múltiplos em que a espuma era o sémen e o respirar fora de água o retomar de novo coito, até as forças acabarem. Até o saco das lapas pesar demasiado.

Mas havia também os polvos. O bucheiro curto, feito à medida, lá estava, pronto para acompanhar o olhar sempre atento a um possível acréscimo da faina. Um buraco típico, um raio mal escondido, eram o sinal. Escarafunchar, empurrar, puxar. E com sorte, lá vinha ele, estendendo e remexendo os raios, preso no anzol, despejando a tinta. Rumar a terra, batendo as barbatanas era

agora imperioso, para lhe virar o capucho. Pelo caminho, convinha mantê-lo à distância, não fosse agarrar-se ao corpo.

Lapas e polvos eram também eram um prazer, mas não tão intenso que virasse obrigação.

Nem todos os Verões foram assim. Passei pela fábrica da conserva, até ficar farto de atum. Durante anos nem pude ver as latas. Trabalhei também no jornal "O Telégrafo" durante pouco mais de um mês, como revisor e não só. No não só ouvia as notícias, selecionado as mais importantes e aprendi a tesourar um cardápio de curiosidades para encher ou chouriçar o jornal. Religiosamente, todas as tardes, tinha de saber quantas toneladas de atum haviam sido pescadas, para atualizar o ranking das traineiras, nem sempre bem gerido com justiça e equidade, face aos predicados vocais do meu ex-patrão, o dono da fábrica de conserva, continental. E ainda tinha o tempo, que lá tive de inventar umas quantas vezes, modificando ligeiramente a previsão do dia anterior, também por dificuldades de comunicação. Não sei se errei ou acertei mais vezes que o serviço oficial, o certo é que ninguém se queixou. Pelo meio, fiz uma reportagem e algumas notícias locais. De revisor de provas, estava quase arvorado em jornalista. Mas a praia, o sol, o mar não se compadeciam com um futuro tão promissor.

Foi aí que resolvi que férias eram para descansar e se pode sempre aliar o útil ao agradável. Com o pagamento de revisor e jornalista improvisado, comprei máscara, barbatanas e fundi o meu próprio lapeiro num molde de areia. O Senhor Milhomens fez o favor de soldar um anzol a uma haste de ferro, mais curta que o meu braço, com uma orelha na outra ponta, donde saia um cabo de naylon de cerca de metro e meio, para manter à distância algum polvo de maiores dimensões. Era o meu bucheiro. E assim me fiz apanhador de lapas e polvos, passando a ter uns trocados no Verão, sem desperdiçar sol e mar. Do Faial ao Pico, incrementando o negócio, nas festas de S. Mateus. Numa delas, dei tanto dinheiro ao Santo que quase me arrependi do prometido. Mas promessas são promessas, claro.

Hoje, ao ver o mar, assim revolto, ao recordar as muitas valsas que dançámos, acho que fiz tudo isso por paixão, mais do que por necessidade. Bravo, manso, inquieto apenas, é o mar dos Açores, o meu mar, onde queria sentir-me de novo embalado, conduzido naquele baile descontínuo, moldado à corrente e às rochas, esquecendo o tempo, enchendo o saco das lapas, de memórias, de imaginário, das recordações que me envolvem neste regresso às origens. Parece-me que o mar está zangado apenas comigo, com o filho pródigo, que se esqueceu de lhe prestar vassalagem durante tanto tempo.

Filho que também navegava por ele, com uma chata transformada em embarcação à vela, esta cosida por mim na máquina da minha mãe. Tão artesanal que o Capitão do Porto, de braços cruzados, observava, quase incrédulo, a aparelhagem daquela engenhoca, que lhe devia fazer baralhar na cabeça a sua sabedoria náutica e perder a vontade de apreender aquela aberração e mandar-me para casa. Mas não, nem dizia nada, apenas olhava. "– Coitado do rapaz, é maluco, mas tem tanta vontade e engenho que não tenho coragem..." - Devia concluir. Mas a verdade, é que o raio da chata navegava. Mal, mas lá ia da doca até à praia da Alagoa e voltava. E isso ninguém podia negar, nem o Capitão do Porto.

Tudo me era permitido então, porque estava no meu mar, o mar do Canal. O mar que agora está zangado comigo e que nem ao Pico me deixa ir. E tem razão. Não lhe paguei o tributo devido. Não soube, na minha ausência, render-lhe homenagem. Não soube manter as minhas raízes. Perdi os elos, o contacto. E não há nada pior do que perder o contacto com o mar dos Açores. Passamos a ser continentais, estrangeiros. Tem razão o meu mar. É natural que agora não me deixe ir à minha terra. Já o contemplei hoje, várias vezes, registei o seu desagrado, nas vagas e nos murmúrios, para nunca mais o esquecer. Mas deve estar à espera que ainda vá à praia da Alagoa, já sem areia, mergulhar às lavadias, brincar com ele, retomar as danças inacabadas, para me envolver na sua espuma, como se estivesse a ler as minhas impressões digitais, certificandose da minha autenticidade. "- Demoraste, mas aqui te tenho de novo, diferente, mas igual. Mais velho, mas o mesmo. O mesmo rapazinho que deixava desafiar-me e por isso te protegia da insensatez. Mais pesado, menos ágil, mas o mesmo rapazinho solitário, tão solitário como eu... "E lá fui. Não meter-me nele, mas apenas conversar, vendo-o entrar pela ribeira, fazendo-a correr ao contrário, como se me cumprimentasse, como se me respondesse e perdoasse.

Acredito agora que, vencidos fantasmas, foi um reencontro de velhos amigos. O mar do canal vai deixar-me ir ao Pico e regressar ao Faial com destino a Lisboa. Porque é de novo o meu mar, o mar dos Açores.

Começo a ficar cansado de tanto andar a pé. Mais cansado ainda de encontrar gente que fala comigo, como se não nos víssemos desde a semana passada. Cansado não dos reencontros, mas do esforço que vou fazendo para descobrir na memória lembranças que não encontro. Como se tivessem sido apagadas, filtradas não sei com que critérios. Noutros casos, as recordações saltam em catadupa, como se as estivesse a viver hoje. Talvez por ter privado mais com uns do que com outros, por ter gostado em especial de alguns. Mas esses não são muitos, e deles recordo-me bem. Os outros é mais fácil lembrarem-se de mim, até porque agora sou uma ave rara, de arribação tardia.

Essa ideia conforta-me. Afinal não tenho a memória tão desfragmentada. Apenas foi gravado em primeiro plano o que tinha mais força. O resto vai sendo procurado com alguma lentidão e nalguns casos com busca sem resultados, como montando um puzzle a que faltam peças essenciais. Mas é normal à distância de mais de 23 anos. Se ficasse por cá mais algum tempo poderia completar esse puzzle, mas não, vai permanecer inacabado. Isso deixou de me preocupar. Apenas quero saber daqueles que a minha memória não esqueceu. Mais do que um desejo é uma necessidade, de reencontro comigo mesmo, de retoma de velhas amizades.

Este reencontro com as minhas raízes só agora começou. Amanhã vou ao Pico, num só dia. Sei que vai ser de loucos. Tias, tios, primas, primos, sei lá... E já há filhos das primas que eu nunca vi e a elas nem sei se ainda as reconheço. E um afilhado que era um puto, a última vez que lhe fiz uma festa na cabeça. Vai ser bonito vai. E cansativo, mas agora que o mar me deu tréguas, sei que vai correr tudo bem. Mas já estou desejoso de chegar ao fim da tarde de amanhã, para me sentar nesta mesa e escrever para mim mesmo, a reencontrar-me.

Agora falam de cagarras na RTP Açores. Medidas de proteção. Lembrei-me de imediato das caminhadas noturnas pelo Caminho de Cima, em S. Caetano, da casa da madrinha até à minha casa. Uns quilómetros. A maior parte das vezes sozinho, um miúdo da escola primária, sem vivalma à vista, temendo as sombras do luar, sempre a correr. Sempre a correr, pontapeando as pedras, não caindo por quase milagre, em frequentes desequilíbrios.

Mas era ao começo da noite que as cagarras apareciam, nalguns dias, voando sobre o caminho de cima, numa algazarra típica, quase roçando as cabeças. Um cenário digno de Hitchcok, com a diferença de que as cagarras apenas pareciam divertir-se ou querer afastar-se das fúrias do mar, vendo-lhes o recorte, agitadas, no lusco-fusco das noites de lua encoberta. Essa é uma das lembranças

que nunca mais vou esquecer. Como de observá-las nos ninhos, nas rochas do porto, agora inquietas pela nossa presença, preservando as crias. Sei que não vou encontrá-las, mas essa memória já não necessito de recuperar.

E lá fui pelo canal. Desta vez não na Espalamaca mas no Expresso do Triângulo, um navio rápido, pelos vistos importado em segunda mão de algum país nórdico, a adivinhar pelos avisos afixados. Ninguém se deu ao trabalho de cobri-los com autocolantes que dissesse "Proibido Fumar", "Saída", "Colete Salva Vidas debaixo do banco." Ora, toda a gente sabe isso, e sempre dá um certo ar de cosmopolitismo... Mas é rápido e cumpre a ligação Horta – Madalena em cerca de 15 minutos, muito distante da hora que então se levava. O mar do canal, consagrado por Nemésio, estava mexido, mas longe da braveza dos dias anteriores. E também, mesmo com um ar condicionado pouco eficiente, nem dava tempo de pensar no enjoo.

A Madalena, o meu concelho, de porto novo, com águas calmas, longe dos tempos em que a lancha da carreira parecia quer subir para o cais ou sair disparada para a rampa de varagem, com os cabos de corda a ranger nos cepos, ameaçando estalar a todo o momento. Os homens da lancha a agarrarem os passageiros que voavam para o cais ou para a cabina. Sim, muito longe desses tempos. A Madalena não está muito diferente, mas dá ares de uma vila que beneficiou do progresso.

À espera um primo, com uma carrinha emprestada de outra prima da Horta. Dá algum jeito ter tanta família. Primeira paragem nas Sete Cidades. Tia, prima, primo. Não demorei, com a promessa de retorno ao fim da tarde, e pus-me a caminho, reconhecendo cada aldeia, povoação, sentindo o rolar macio dos pneus sob um asfalto recém-derramado. A terra do meu pai, Marateca, depois S. Mateus, com incursão na zona das vinhas. Prima, primo, homens a vindimar. Mais dois primos e o meu padrinho. Num dos quadrados de paredes de pedra de lava, dos muitos a perder de vista que protegem as videiras. Beijos, abraços. Um Chardonney, às 9:30 da manhã. Saboroso, macio, orgulho do primo cuja idade não o impede de continuar apaixonado pelo trabalho da terra. A primeira garrafa de presente, colheita do ano passado.

Com o meu padrinho a bordo, retomamos caminho. É já a seguir a nova paragem. S. Caetano, Caminho de Cima. Madrinha, primas, filhos. Calcorreio com o padrinho até ao cimo daquela parte da estrada, agora diferente. Casas e estrada. Casas novas, erguidas sobre memórias ou reconstruídas. A estrada alargada, com asfalto fresco. A mesma, então de terra batida, repleta de lajes nascidas do chão, por onde descia nos carros de manivela improvisados na casa da atafona, esta agora casa de uma das primas. Aquele caminho por onde descia aos solavancos, lutando com o muro da última curva que me ficou com parte da pele e alguns cabelos. Mas lá subia de novo, rebocando o carro,

descendo vertiginosamente, com para provar a esse inimigo que não era obstáculo para me vencer.

Ainda é cedo para o almoço. Tempo para percorrer todo o Caminho de Cima, agora de automóvel. No meu tempo não era assim, só carros de boi por ali passavam. As distâncias parecem-me agora mais curtas. Logo ali, o serrado, onde sachei e abarbei com o meu pai, à porfia, como se fosse uma competição. O meu pai sabia levar-me. A minha casa, a casa onde nasci às 11 horas da manhã do dia 17 de Junho de 1953. Foi remodelada. Acabaram com o tanque da água, a sua marca. A água que adorava, fresquinha, bebida num púcaro de madeira envelhecida. Devia ser proibido mudar as coisas património de um homem. O meu património. Filmei-a como se filmasse qualquer coisa, por curiosidade. Nem um pedaço da minha alma senti para além daquele portão. Nem este era o mesmo. Desci rápido pela rua abaixo, sem ligar ao casario que a ladeia. Pouco ouvia dos nomes que a minha mãe ia desfiando, como o terço que lhe escorre pelos dedos todas as noites. Não vi ninguém, nem parei para me verem. Não tinha mais vontade de ficar por ali, como se fosse um romeiro perante as ruínas da sua capela de devoção, sem imagens para adorar. Talvez também já não fosse dali.

De novo pela estrada principal, até à Prainha do Galeão. Prima, ofertas. Pão de duas farinhas, bolo, queijo. Mais uma etapa, agora o porto. Claro que o tinha de visitar. Igual, apenas mudado nas proximidades. O cais, onde apanhava peixe. Carapaus, peixe rei, castanhetas, sargos..., com isco de figo. Lá estava, lambido pelas ondas. Ah, se o mar não estivesse ainda tão rebelde, descalçava os sapatos, arregaçava as calças e apanhava algumas lapas. Mas não, o mar ainda está sisudo, comigo. Deixa para lá, há de passar-lhe. Na volta, nova paragem, junto ao antigo caminho do porto. O meu afilhado, coberto de pó da retro escavadora, lá veio. Reconhecia-o em qualquer parte. Tem a cara do pai, falecido há muitos anos, mas que guardo bem na memória. Um baleeiro, um homem de tronco e braços fortes, rijo como os antigos homens do Pico, que caçavam o cachalote.

Regresso ao Caminho de Cima, casa dos meus padrinhos. O almoço já cheira. Galinha frita, linguiça, inhames. Ninguém reclamou de ter comido pouco, coisa habitual por aqui. Comi mesmo de mais. Então linguiça e inhames... Não, sobremesa nem pensar. Mas, que remédio, perante a firmeza do mando da madrinha, avolumei, irremediavelmente o pecado da gula. Pena que não tenha havido lapas e caranguejos, mas o homem a quem o padrinho havia encomendado os petiscos fora perentório: "- Desculpa lá, mas não vou arriscar morrer para contentar o teu afilhado!". Paciência, fica para o ano. Talvez que o mar tenha a sua fúria mais apaziguada. Porque me quer dentro dele, eu sei, e

faço-lhe a vontade com gosto. Até disse ao meu afilhado: "- No próximo ano, vamos os dois às lapas!".

O café, tomado onde ainda são os correios da terra, mas num edifício totalmente modificado, em que a fachada foi conservada. Um mini mercado, com um pouco de quase tudo, até roupas. O dono andara pelo Canadá, reassentando arraiais na origem. Não se lembrava de mim, nem eu dele. O que não impediu a conversa amena. Chegou a mulher. Olhou-me por momentos... "- Tu não és o...?". Era, E também me lembrei dela, vagamente. Mas uma conversa destas é como uma terapia de reavivamento. Coisas de que já nem me lembrava, nunca mais lembrara. E veio outra, outro, outra..., até sentir a cabeça a esvair-se, como se, apesar do almoço e do café, a memória acesa gastasse demasiadas calorias. Mas senti-me bem, comigo mesmo. Talvez por entender que não fora esquecido. Porque o retomar das minhas raízes só teria sentido se tivesse eco na memória dos outros. E tinha. Senti-me reconfortado, tranquilo, bem comigo mesmo.

De volta a casa dos padrinhos, desfiando mais memórias, recordações. Coisas com piada, que nunca soubera ou em que nunca pensara. O pano no dedo, enrolado pela madrinha, para não chuchar no polegar esquerdo. Sempre repudiei a chucha. Seria sintoma de rebeldia, de auto insuficiência, de timidez? Sei lá, tinha as suas vantagens, ia desculpando-me, não caia ao chão, estava sempre à mão e era meu... As papas de milho, com ovos, todas as manhãs. Um martírio de anos... e nem os milhões de engulhos faziam comover a minha madrinha. Sim, porque passava muito tempo com ela, enquanto a minha mãe fazia costura por fora. Foi uma segunda mãe, eu sei. Só quase a deixá-los me apercebi de quanto o meu padrinho e a minha madrinha, apesar dos setenta e tais anos, são pessoas bem-dispostas, divertidas, felizes. Disse-lhes isso mesmo, não como constatação, mas como homenagem. "- Leva esta fotografia, para te lembrares de nós!". Acho que perdi, perdi muito mantendo-me tanto tempo afastado deste convívio. Só agora entendo isso. Mas tal como o mar, a madrinha sorri, aparentemente com boa disposição, quando me referia à intenção de voltar no ano seguinte, com mais tempo. " - Se levaste 23 anos para voltar, da próxima já só nos encontras no cemitério.". Não sei ainda se ela tem razão, mas a verdade é que fiquei com vontade de voltar, agora que reencontrei as minhas raízes, me reencontrei comigo próprio. O meu adeus é de quem quer voltar, enquanto arrumo mais ofertas no carro. Duas garrafas de angelica, restos do almoço, um naperon de renda com a ilha do Pico, um quadro, também de renda feita por uma das primas. O beijo, soprado na mão, já a caminho.

De volta às Sete Cidades. Tia e primos. Um breve passeio, mais ofertas. Verdelho, Cavaco branco. Vou abastecido de vinhos. Como levo tanta garrafa

no avião é que ainda não sei. Até um saco de batatas. Fui de mãos quase a abanar e quase não consigo carregar tanta coisa. E falta a garrafa que me deram em S. Mateus, esquecida em S. Caetano.

O rápido, passando os ilhéus. De regresso à Horta, por volta das seis da tarde. Programa cumprido, à risca. Não tenho ideias, apenas cansaço. De levantar tão cedo, de um dia preenchido, sobretudo de emoções fortes. Voltar. Voltar é agora a única ideia, quase fixa, no meio de um cérebro meio apagado. Acho que sentia medo. Medo de reatar elos perdidos. Receio de que me recebessem com indiferença. Medo, medo de ter perdido para sempre as minhas origens. Mas não, senti-me bem. Como se recuasse 23 anos, como se nada tivesse mudado. Claro que mudou tudo. Mas eu tinha de sentir isso, para me reencontrar e recomeçar. Agora sei que estou pronto. Para recomeçar tudo, não de novo, apenas a partir de agora, deste momento.

Hoje vou escrever pouco. Porque é tarde e porque também não me aconteceu nada de especial. Manhã sem registos. Almoço em casa de outros primos. Linguiça e inhame. Vinho de fabrico caseiro, o melhor do Pico, garantiu o meu primo. Mas, em S. Mateus, o outro primo dizia o mesmo. E o meu padrinho teimou que o dele, só feito de uva Isabel, era superior a todos. Ah, já me esquecia do primo das Sete Cidades que não deixava os créditos por mãos alheiras. Mas esse também fazia verdelho, o melhor vinho de aperitivo do Mundo e isso digo eu.

Finalmente comprei os jornais locais, O Telégrafo e o Correio da Horta. Minguados de páginas. Que pena, pensava que tinham crescido. Acho até que têm menos conteúdo, mas pode ser impressão minha. Numa cidade com tanta vida cultural, com tanta gente ligada à escrita, gostava de ter sentido a mão mais pesada ao pegar-lhes, o pulsar da ilha na sua leitura. Perdoem-me, porque não conheço as dificuldades, mas tentem lá fazer um esforço, espevitem essa gente que gosta e sabe escrever e, por favor, não se diminuam com a presença dos jornais do continente. Há espaço para todos.

Museu da Baleia, à tarde. Uma visita obrigatória, onde se nota o esforço do Governo Regional em preservar a memória da caça ao cachalote. Um antigo baleeiro explicando. Do modo que só ele consegue. Conhecedor, aberto, apontando ele próprio as lacunas que iriam ser colmatadas, como a ausência de notas explicativas e de apetrechos. Dá gosto conversar com gente assim. Nunca tinha entrado nas instalações da antiga fábrica da baleia, no Monte da Guia, ao lado da praia do Porto Pim. Mas lembrava-me da rampa, de ver puxar os cachalotes e dos homens a esquartejá-la. Até de um ou outro tubarão que por ali rondavam, chamados pelo sangue que corria para o mar. Lembrança de uma praia que poucas vezes frequentei, já que o meu pouso habitual era a da Alagoa. Mas ia ali, de vez em quando. Mais do outro lado do monte, apanhar musgão, que vendia num barração ao fundo da praia. Uma outra receita do Verão, mais esporádica e sem grandes emoções, a não ser o perigo de uma moreia, pronta a descascar um dedo.

Visitando o museu, ainda me fui lembrando dos foguetes disparados da torre de vigia de S. Mateus, no Pico, replicados por outros no porto de S. Caetano. E os homens a correr, das terras para o mar. As mulheres ao encontro, com o farnel. E o bote descendo a rampa sobre cepos, untados com cebo. Eram uma meia dúzia. Retirados da popa e colocados à proa, num movimento rápido e constante, para a quilha ir escorregando por ali abaixo. Junto à água o bote parava, esperando o resto da tripulação, os que vinham de mais longe. Depois

fazia-se ao mar, soltavam os remos e deslizava pela água elegante, cadenciado, ganhando velocidade. Se a baleia avistada estava perto, seguiam pelos próprios meios. Se longe, lá vinha a lancha a motor ao encontro, enfileirando os botes que ia apanhando pelo caminho. Havia várias. Depois da caça, umas rebocavam os cachalotes para a fábrica, de óleo e farinha para adubo, como a que visitei hoje. Outras levavam os botes de volta, mas nem sempre. Se a faina rendia, ficavam ocupadas com o reboque das presas. Os botes tinham de regressar à vela ou a remos. Eram homens rijos que não tinham direito a pensar no cansaço de muitas horas de lutas com aqueles gigantes. Só em terra, depois de varar e lavar o bote, podiam finalmente descansar. Não se ganhava muito, mas sempre era um complemento à terra.

Hoje sai-se para o mar para contemplar as baleias, navegando lado a lado. Apesar do tamanho, são dóceis. Inteligentes. Entenderam que a caça de outrora fora uma necessidade. O homem dos Açores nunca foi inimigo dos cachalotes, respeitavam-nos. Na luta, caçavam mas também morriam. Era a sobrevivência. O antigo baleeiro guarda recordações dessa altura, mas também recentes. E desta fala como só consegue falar quem conhece bem as baleias. Depois da caça, vestiu o fato de mergulho e nadou ao lado delas, talvez tentando fazer-lhes entender que noutros tempos tinha de ser, agora eram iguais, naquele mar que era de todos, o mar dos Açores. E elas sabiam, compreenderam. Agora convivem com quem as quer visitar, lado a lado. É uma prova de amor. Porque o mar dos Açores, o meu mar, tem destas magias.

Ainda comprei umas lembranças e visitei umas amigas, antes de vestir os calções e mergulhar no sofá da minha mãe, a ver as desgraças de outros mundos, pela televisão. À noite, nova visita. Aos amigos que me emprestaram o carro. Vivem no Farrobo, numa vivenda ótima, bem pensada. Gente de trabalho, divertida, que gosta de viver. O filho estava na Internet. Pedi para ver um site, o da Bolsa. Desgraça. Lá vão os meus pobres tostões por entre os escombros das Twin Towers. Mas que importância tem isso, comparado com os problemas que o Mundo hoje vive... Nesta calmaria dos Açores, onde não sei ainda se dão valor à qualidade de vida e às potencialidades da terra, a recessão que se adivinha pode fazer destas ilhas um paraíso...

Vou pensar nisso depois. Agora quero guardar bem a imagem da cidade da Horta, vista da Espalamaca, numa noite, finalmente, de céu limpo. E do Pico, quase descoberto. Assim, até o canal parece mais estreito, com a Madalena quase a um palmo de distância. E o mar, que agora adormeceu, ronrona como um rafeiro, lambendo a lava. Acho que amanhã vou tentar apanhar umas lapas...

Penúltimo dia. Logo após o pequeno-almoço, ponho-me a caminho da praia da Alagoa. Levo uma faca, umas sapatilhas e um saco de pano, tudo dentro de outro saco, de plástico. O fito são as lapas. As lapas, que mania recorrente. Mas ainda não seria hoje. O mar estava quase calmo, mas a maré cheia. O mar dos Açores resolveu esconder-me as lapas. "- Vingativo, hem!...". Tudo bem, vou embora sem comer lapas, paciência.

Almoço de linguiça e inhames. Ementa de três dias seguidos. Bom, pelo menos disto mato saudades. À tarde um passeio até à Caldeira, bonita como sempre. Quase me apeteceu descer até à lagoa, mas não me aventurei. Ainda se anda um bocado até aqui de automóvel. Mas já fiz o mesmo percurso a pé, várias vezes, e desci. Horas e horas de caminho. Ida e volta. Nem que me pagassem, faria isso agora. A verdade também é que me sinto cada vez mais cansado. Acho que estou pronto para regressar a casa. A Lisboa. Sim, porque a minha casa agora é a cidade das sete colinas. Reencontrado com as raízes, comigo mesmo, vencidos fantasmas, sei que o meu lugar não é aqui. Prendemme aqui as memórias, mas é com Lisboa que tenho uma relação adulta. Foi onde resolvi que ficava. O que não quer dizer que não me possa fixar noutro lugar qualquer, mesmo aqui nos Açores, mas por opção de trabalho ou de vida, não por sentimentalismo. Acho que nisso sou desprendido, adaptando-me com facilidade, ou não fosse açoriano.

O jantar em casa em outra prima. Muitos primos e primas tenho... E mais amigos ainda, mas entendi que, desta vez, deveria dar prioridade à família. Por a ter no sangue mas também porque só ela me poderia devolver as raízes, permitir o meu reencontro. Ainda a caminho, outro colega, de liceu, um pouco mais novo. E lá vieram as recordações, os nomes, as diversões. Fazíamos algumas, sem consequências para ninguém, mas com alguma piada. Ao passar a ponte da Conceição, vi-me ali numa noite, enrolando linha de coser de um lado ao outro, até esvaziar o carro surripiado à minha mãe. E o homem da moto, ao sentir-se enredado, como numa teia de aranha, atónito... Nunca deverá ter entendido o que lhe aconteceu nessa noite. E nós, escondidos, contendo as gargalhadas até que ele se foi.

De regresso, o irmão de outro colega, mais velho, um dos responsáveis pela Mocidade Portuguesa e comandante de acampamentos. E lembrei-me de quando me deram as divisas de chefe de quinas e me atiraram ao mar, como batismo, nas férias da Páscoa. Eram divertidos os acampamentos. Até inimigos, com espingardas de pressão de ar, tivemos, vencidos por um destacamento que os apanhou pela retaguarda, numa manobra militar improvisada mas eficaz.

Por aqui nada estava politizado. Claro que as formaturas e a doutrina lá estavam, a que propositadamente me baldava, encharcado da água do mar que galgava a avenida agora rebatizada de 25 de Abril. "- Vai pra casa, antes que apanhes uma pneumonia!". Mas os acampamentos e convívio não tinham nada de político. Eram saudáveis. E era tão novo. Sabia lá o que isso era...

Hoje é que não escrevo mesmo mais. Vou deitar cedo. Repor o sono em falta. Amanhã ainda estou cá e há afazeres sociais a cumprir. Visitas, visitas. Despedidas rápidas que não sou de grandes falas. Almoço no Capote, sobre a avenida marginal, a 25 de Abril. Prepara-se uma regata, várias. Optimists, lá ao fundo talvez um 720. Saudades da minha chata, do tamanho de um Lusito que, com pouco vento, levava mais tempo entre a doca e a praia da Alagoa que a Espalamaca entre o Faial e o Pico, com ida e volta. Mas navegava, lá isso navegava.

Fiquei um pouco desiludido. Esta levo na bagagem, como um engulho. Não comi lapas. Afinal a minha mãe tinha-as encomendado como surpresa. Mas o homem não apareceu. Nem homem nem lapas. Deve ter tido medo do mar. Está com vaga grande, intermitente. Não permite, acredito, apanhar lapas por terra. Mas pelo mar, Santo Deus, tantas vezes que apanhei lapas com mar bem pior. Contratou o homem errado, a minha mãe. Ah, se tivesse o meu equipamento..., ainda sobravam lapas para dar à família e aos vizinhos. Ironia do destino, no restaurante há lapas congeladas. Onde já se viu... Lapas congelas e para grelhar. A lapa quer-se fresca, comida no momento, crua. Basta uma concha para retirar a lapa de outra concha e assim por diante. Lembro-me dos continentais que faziam cara de enjoados. Para piorar, ainda se lavavam as lapas em água doce. Não sabiam a nada. Mas aprendiam a gostar. Raio de coisa, nem uma lapinha minúscula para provar. Tivesse eu equipamento...

Mas deixa para lá. São horas de fazer a mala e esperar o transporte para o aeroporto. Ainda este ano hei de comer lapas no Algarve e gozar com a cara de espanto dos pescadores a olhar para mim, incrédulos, vendo-me comê-las tal como a natureza as criou. Não sabem comer lapas como os açorianos, não as saboreiam. A minha mãe diz que me manda lapas pelo próximo portador, mas não quero. Quero-as frescas, do momento. Isso é que são lapas!

Vou embora. Falta pouco. Já escrevi de mais, já me repeti muitas vezes, sei. Fui escrevendo como sentia e as recordações misturam-se, interligam-se, refazem-se. E fica muito por contar. O Liceu, as mascaradas do Carnaval... Sei lá, tanta coisa. Não me apetece escrever memórias, apenas impressões. As que me tocaram neste regresso de filho pródigo aos Açores. Vou embora, vou partir, como diz a canção. Mas fico agora. Desta vez fico. Sem fantasmas, sem receios. Fico porque quero ficar. Ligado aos Açores, ao Pico, ao Faial. Fico como deve ficar um açoriano, ligado à sua terra. E é tão perto. A duas horas de Lisboa. Menos do que o tempo que levo até ao Algarve. Tenho de vir mais vezes, mas não em romaria. Para sentir, viver. Para me reconciliar definitivamente com o mar, a minha paixão de sempre. Acho que fizemos as pazes. Olhei para ele,

num último adeus, sondando-o até às profundidades. Ele respondeu com um salpico, ronronando... É o meu mar, o mar dos Açores.

Mais despedidas. Não gosto de despedidas. Na despedida perde-se qualquer coisa que pode nunca mais se encontrar. Gosto apenas de encontros, de reencontros. Acresce a algo que já se tem. É recomeçar do que ficou. Basta não perder nada para ficar tudo. É disso que eu gosto. Só aceito despedidas que digam ". Até logo!". É como me quero despedir das pessoas e dos Açores. "-Até logo!".

Deve ser da altitude, de 11.277 metros com 52 graus negativos. Ou do ar que me sai pelos ouvidos, ao apertar o nariz. Mas estou de novo de cabeça vazia. A meia hora de Lisboa. Volto a casa. Já tinha decidido que Lisboa era agora a minha casa. Já comia linguiça com inhames, em vez desta refeição de treta. Não entendo, mas quase toda a tarde andei enervado. Agora, que me sinto melhor, tento perceber. Mas não atino. Tenho mesmo a cabeça vazia.

Daqui a pouco avistarei Lisboa. Não é tão bonita quanto os Açores. Já não é tão bonita, para ser mais objetivo. Mas é o lugar onde vivo. Estrangeiros, muitos, neste voo. O puto de cabelo loiro, eriçado como uma crista de galo estremunhado, não pára quieto. Mexe em tudo. Passa debaixo das pernas do pai, bloqueia o corredor. Desinibido, de chucha na boca. O mapa no LCD, a mostrar o percurso. Parece tudo tão perto... Horta, Funchal, Casablanca, Marraqueche, Faro, Lisboa... Mas há o mar. Muito mar a separá-las.

Já desce. Os ouvidos tampam. A temperatura sobe. Estou quase em casa, ao cabo de uma semana de emoções fortes. Percorri o passado, exorcizei demónios. Era isso que queria. Ficar bem comigo mesmo, reencontrando-me nas minhas raízes, no meu mar, o mar dos Açores. Acho que era isso que procurava. Foi o que encontrei, tanto quanto entendo o que me aconteceu. Era necessário, inevitável. Só faltou sentir o mar envolver-me. Ficam os salpicos...

Estou quase a aterrar. Cessa aqui a escrita, este diário possível. Fim de viagem. Lisboa... É aqui que vivo agora. "- Açores, até logo!".

[Nota final: Só voltei à Horta alguns anos depois, para ver a minha mãe, já adoentada e, poucos messes depois, pela sua morte. Não visito a minha terra desde então, já lá vão mais de dez anos.]

2ª Edição

Odivelas, Fevereiro de 2020

IGAC, Registo 297/2015

© Avelino Rosa

## Resumo biográfico

Nasceu, a 17-06-1953, em São Caetano, Concelho da Madalena, Ilha do Pico, Região Autónoma dos Açores. Estudou no Liceu Nacional da Horta e viveu nesta cidade até 1972. Licenciado pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, em 1978. Funcionário público desde 1973, sendo Assessor Principal da carreira de Consultor Jurídico, na área da Cultura. Viveu em Macau, cerca de 15 anos, tendo exercido funções na Administração Pública do Território como Técnico Superior, Chefe do Departamento Técnico Jurídico e Subdiretor do Serviço de Administração e Função Pública, Vogal do Tribunal Administrativo e, cerca de nove anos, Diretor Municipal do Leal Senado. Membro da Direção do Clube Náutico de Macau durante oito anos, três dos quais como Presidente.

## **Publicações**

- Diversos artigos em Revistas e Jornais.
- Os Municípios em Macau Livros do Oriente, 1999.
- Macau (Via Hong Kong), um Romance de Amor Editorial Diferença, 2002.
- Nas Asas da Net Chiado Editora, 2015.
- Retalhos de Lava e-Book, 2016, e versão impressa de 2018, AMAZON.
- O Meu Vício És Tu e-Book, 2016 e versão impressa de 2018, AMAZON.
- Do Amor, Das Coisas e da Natureza, Vol I e-Book, 2016 e versão impressa de 2019. AMAZON.

- Do Amor, Das Coisas e da Natureza, Vol II - e-Book, 2016 e versão impressa

de 2020. AMAZON.

- Contos e outros Textos - e-Book e versão impressa, 2020, AMAZON.

- Vidas de Bruma - e-Book e versão impressa, 2022, AMAZON.

Página pessoal e Contactos

Página pessoal: <a href="http://www.avelinorosa.com">http://www.avelinorosa.com</a>

Procurar no "Google" ou noutro motor de busca por Avelino Rosa.

Email: avelinorosa069@gmail.com

98